

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

HELEN VANESSA MELEZINSKI

**FERMENTO NA MASSA: EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO E EDUCAÇÃO
POPULAR NA PRÁTICA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

DISSERTAÇÃO

**CURITIBA
2023**

HELEN VANESSA MELEZINSKI

**FERMENTO NA MASSA: EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO E EDUCAÇÃO
POPULAR NA PRÁTICA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

**FERMENTO NA MASSA: WORK EXPERIENCES AND POPULAR EDUCATION IN
THE PRACTICE OF SOLIDARITY ECONOMY**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Tecnologia e
Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR).

Orientador(a): Wanderley José Deina

CURITIBA

2023



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba**



HELEN VANESSA MELEZINSKI

**FERMENTO NA MASSA: EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO E EDUCAÇÃO POPULAR NA PRÁTICA DA
ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestra Em Tecnologia E Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 28 de Fevereiro de 2023

Dr. Wanderley Jose Deina, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Lourenca Santiago Ribeiro, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Dra. Marilene Zazula Beatriz, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 28/02/2023.

AGRADECIMENTOS

Para escrever estes parágrafos, revisei todo o percurso da construção desta pesquisa e da construção da pessoa que sou hoje. Desde a vontade de retomar os estudos até a escrita do projeto lá no começo, tive muito apoio de quem acreditou em mim, provavelmente, mais do que eu mesma.

Antes de tudo, à minha família, por me acolherem no retorno para casa, por toda a base que precisei para dar conta de tudo isso e por estarem comigo diariamente durante todo esse período. Ismael, meu pai, por ser fortaleza e topar me ajudar em qualquer situação maluca que eu tenha me colocado. Minha mãe, Patrícia, por, mesmo sem entender direito o que eu estou fazendo, confiar em mim e me confortar nos momentos de desespero. Pedro e Ana, por me apoiarem, comemorarem comigo qualquer mínima conquista e serem parte importante da minha motivação para continuar.

A todos os afetos que também foram base nesses últimos anos. A Ju e Hazi, por me escolherem para fazer parte dessa família. Ao Gabriel, que me acompanhou e incentivou a viver coisas incríveis por aí. À minha amiga e irmã de caminhada Mai, que compartilhou comigo grande parte do percurso até aqui e me deu muita força durante todo esse tempo. Dos que embarcaram na vida acadêmica também e compartilharam muitas emoções aos que estiveram do outro lado no apoio quando pensei em desistir. Anita, Babs, Bia, Guto, Livia, Thiago e tantas outras que nem dou conta de citar aqui, mas que fizeram parte disto de alguma forma.

A todas as trabalhadoras da Rede, às militâncias dos movimentos que permitiram a construção e manutenção deste trabalho incrível que, de certa forma, também faz parte da minha história e tive a oportunidade de trabalhar e conhecer mais a fundo.

Ao meu orientador, Wanderley, por ter me apoiado, ter confiado e me dado liberdade para trabalhar com o que eu acreditava. À professora Marilene, por toda a troca possibilitada não apenas no período de qualificação da dissertação, mas também ao longo de todo o mestrado, nas disciplinas e grupo de pesquisa, por seu trabalho com a Economia Solidária e por trazer as discussões tão importantes sobre

este campo para nossa universidade. À Lourença, por toda experiência compartilhada neste último período, pelo apoio e pelo carinho com o tema da minha pesquisa.

Ao Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) e a todas as professoras e professores, que trabalham diariamente para que seja possível uma educação pública de qualidade, para a emancipação e formação de conhecimento crítico.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.654070/2021-00.

*“...é necessário voltar ao começo
quando os caminhos se confundem,
é necessário voltar ao começo
não sabe pra onde ir?
tem que voltar pro começo
pra não perder o rumo,
não pode esquecer do começo”
(Emicida)*

RESUMO

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa participante que se desenvolveu junto à Rede Paranaense de Padarias Comunitárias Fermento na Massa, após o período de maior restrição da pandemia da Covid-19. A Rede surgiu em meados dos anos 90 e desde então vem atuando junto a comunidades da periferia de Curitiba e Região Metropolitana, seguindo os princípios da Economia Solidária de autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo solidário. A partir de uma fundamentação teórica construída ao longo do mestrado e de consultas ao acervo do Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo (Cefuria), firmamos a base desta dissertação e encaminhamos uma pesquisa de campo. Com o objetivo de investigar as relações entre a educação popular na prática da economia solidária e a experiência de trabalho na Rede Fermento na Massa realizamos um mapeamento da situação da rede. Tendo como princípio essa mesma solidariedade e contando com o apoio de trabalhadoras da Rede e de educadoras do Cefuria, trabalhamos em uma proposta de troca e atuamos no suporte à comunicação da Rede e das padarias que a compõem. Em paralelo ao mapeamento, tivemos contato com a prática da Economia Solidária dentro da Rede e, a partir de questionários aplicados a todas as padarias da Rede, observações participantes relatadas em diário de campo e sete entrevistas semiestruturadas, coletamos as informações necessárias para alcançarmos os objetivos propostos após a análise de conteúdo. Os resultados apresentados nesta pesquisa são apenas uma pequena parte da grande jornada que a Rede Fermento na Massa tem construído ao longo das últimas três décadas. São as trabalhadoras que escrevem e vão continuar escrevendo essa história, prezando pela sustentabilidade do trabalho da Rede e do movimento de Economia Solidária no Brasil. Esperamos que estes resultados possam refletir em movimentações de apoio a essas mulheres que trabalham e vivem diariamente a Rede Fermento na Massa.

Palavras-chave: economia solidária; educação popular; Covid-19; trabalho autogestionado.

ABSTRACT

This dissertation is the result of a participatory research that was developed together with the Rede Paranaense de Padarias Comunitárias Fermento na Massa after the period of greater restriction of the Covid-19 pandemic. The Fermento na Massa emerged in the mid-1990s and since then has been working with communities on the outskirts of Curitiba and the Metropolitan Region, following the principles of the Solidarity Economy of self-management, democracy, solidarity, cooperation, respect for nature, fair trade and solidary consumption. Based on a theoretical foundation built throughout the master's degree and consultations with the collection of the Irmã Araújo Rural Urban Training Center (Cefuria), we established the basis of this dissertation and carried out a field research. With the aim of investigating the relationship between popular education in the practice of solidarity economy and the work experience at Rede Fermento na Massa, we carried out a mapping of the situation of the network. Having this same solidarity as a principle, and counting on the support of Fermento na Massa workers and Cefuria educators, we work on an exchange proposal and act in support of communication between the bakeries. In parallel to the mapping, we had contact with the practice of Solidarity Economy within the Fermento na Massa and from questionnaires, participant observations reported in a field diary and semi-structured interviews, we collected the necessary information to achieve the proposed objectives. The results presented in this research are just a small part of the great journey that the Rede Fermento na Massa has built over the last three decades. It is the workers who write and will continue to write this story, valuing the sustainability of the work of the Network, and of the Solidarity Economy movement in Brazil. We hope that these results can be reflected in movements to support these women who work and live the Rede Fermento na Massa on a daily basis.

Keywords: solidary economy; popular education; Covid-19; self-managed work.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Construção da pesquisa	22
Figura 2 – Pesquisa teórica	24
Figura 3 – Os caminhos metodológicos.....	26
Figura 4 – Mural de ideação	45
Figura 5 – Mural certezas, suposições e dúvidas.....	46
Figura 6 – Mapa online das Padarias	48
Figura 7 – Mapa vetorizado das padarias.....	49
Figura 8 – Trabalhadoras e sua produção.....	50
Figura 9 – Registro da visita à Padaria Comunitária Perpétuo Socorro	50
Figura 10 – Convide para o café colonial da Rede	52
Figura 11 – Trabalhadoras da Rede no Café Colonial	53
Figura 12 – Pesquisadoras da UTFPR no Café Colonial da Rede	53
Figura 13 – Frente do flyer de divulgação da Rede.....	55
Figura 14 – Verso do flyer de divulgação da Rede.....	56
Figura 15 – Modelo de cardápio	57
Figura 16 – Modelo de postagem para Instagram	58
Figura 17 – Mapa das Ocupações Irregulares e da Renda – Curitiba.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Levantamento de dados sobre a Rede	47
Tabela 2 – Padarias entrevistadas	59
Tabela 3 – Trabalhadoras entrevistadas	62
Tabela 4 – Categorias de análise	63

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

CEBs –Comunidades Eclesiais de Base

CEP – Comitê de Ética em Pesquisas

Cecopam – Centro Comunitário e de Proteção Alimentar Padre Miguel

Cefuria – Centro de Formação Irmã Araújo

DADIN – Departamento Acadêmico de Desenho Industrial

ES – Economia Solidária

EES - Empreendimentos Econômicos Solidários

FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária

LADO – Laboratório de design contra opressões

PPGTE – Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade

SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 “É NECESSÁRIO VOLTAR AO COMEÇO”	15
1.2 “PRA NÃO SE PERDER, TEM QUE VOLTAR PRO COMEÇO”	16
1.3 ONDE É QUE QUEREMOS CHEGAR?	19
1.3.1 Objetivos da pesquisa	20
1.3.2 Estrutura da dissertação	20
2 CAMINHOS DA PESQUISA: POR ONDE ANDAMOS E COMO SEGUIREMOS 21	
2.1 TRILHAS TEÓRICAS.....	22
2.2 TRILHAS METODOLÓGICAS	24
3 TEORIAS E EXPERIÊNCIAS PARA FIRMAR OS PASSOS	27
3.1 BASE: PERIFERIA E TRABALHO	28
3.1.1 Sobre trabalhar, viver e sobreviver na periferia	29
3.1.2 A cidade modelo e a invisibilidade da periferia curitibana.....	31
3.1.3 Sobre o trabalho das mulheres	32
3.1.4 No meio da crise, outra crise: a pandemia da covid-19	35
3.2 É O FAZ CRESCER O MOVIMENTO: EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA	37
3.2.1 Educação popular e autogestão como ferramenta de emancipação	37
3.2.2 Economia Solidária: experiências e desafios	39
4 MÃO NA MASSA: SOBRE A PESQUISA DE CAMPO COM A REDE DE PADARIAS COMUNITÁRIAS.....	42
4.1 “SOBREVIVENDO A PANDEMIA”: UM MAPEAMENTO DA ATIVIDADE DA REDE NO ANO DE 2022	42
4.1.1 Um olhar de quem está de fora.....	44
4.1.2 Um passo de cada vez: para conhecer e partilhar	47

4.2 “E QUEM É QUE FAZ O PÃO?”: SOBRE AS ENTREVISTAS COM AS TRABALHADORAS.....	58
4.2.1 Sobre o perfil das entrevistadas.....	61
4.2.2 Análise das entrevistas	63
4.2.3 E a partir daqui... como seguimos?.....	69
CONSIDERAÇÕES.....	72
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES	81
ANEXOS	94

1 INTRODUÇÃO

A proposta de pesquisar, escrever e discutir sobre as relações de trabalho, em um momento historicamente conturbado como o da pandemia da Covid-19¹, abriu espaço para muitas inquietações acerca das minhas próprias experiências que, ao longo da escrita desta dissertação, me fizeram refletir também sobre o meu lugar enquanto trabalhadora, designer, pesquisadora, estudante, educadora e todos os outros adjetivos que pelo meu trabalho posso usar para me definir. A escolha do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) para o desenvolvimento desta pesquisa se deu justamente pela abertura para propostas que vão de encontro a uma perspectiva de conhecimento contra hegemônico e que se distanciam de uma abordagem neutra e positivista.

Nesse sentido, sugiro aqui, já nos primeiros parágrafos, não haver qualquer tipo de neutralidade ao longo desta dissertação. Seja pela abordagem metodológica escolhida, reconhecendo a carga subjetiva que uma pesquisa participante é carregada de subjetividade e por minhas próprias vivências com os empreendimentos e as pessoas pesquisadas, que não podem ser desconsideradas. Além da escolha da abordagem metodológica, justifico também, neste início do trabalho, a escolha por uma linguagem clara e objetiva, com palavras que possam ser lidas e compreendidas por pessoas que não estão permeadas pelo ambiente acadêmico. Por se tratar de uma pesquisa que se envolve a temática da educação popular, me propus construir uma narrativa para o desenvolvimento do texto que, ao ser lida, faça sentido com o que estamos partilhando aqui.

Desta forma partimos, então, para a apresentação do trajeto percorrido até aqui, para que fosse possível o desenvolvimento desta pesquisa e a construção de novos conhecimentos.

¹ Covid 19 é uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. Potencialmente grave e altamente transmissível, espalhou-se por todo o mundo e em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. Até o momento da escrita deste trabalho ainda não havia sido decretado o fim da pandemia, fato que veio acontecer apenas em maio de 2023. (OPAS, 2020)

1.1 “É NECESSÁRIO VOLTAR AO COMEÇO”

A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa surge de um momento muito particular, de voltar para casa, reconhecer-me enquanto sujeita periférica, fortalecer as minhas raízes e trabalhar ao lado da comunidade a qual eu pertença. Nasci e cresci na periferia da região sul de Curitiba, filha de trabalhadores envolvidos com movimentos de organização comunitária da Vila São Pedro². Tive contato desde a infância com debates sobre política, organização popular, movimentos sociais, educação popular, cooperativismo e solidariedade. Essas referências de organização popular eram fortes, pois, assim como em qualquer periferia do Brasil, o bairro em que cresci era mais um tomado pela desigualdade e pela força de pessoas boas que trabalhavam coletivamente para que todos tivessem o mínimo de dignidade.

A casa onde cresci ficava a poucos quarteirões do Centro Comunitário e de Proteção Alimentar Padre Miguel (Cecopam)³. Muito antes de ter idade para entender qual era a proposta daquele espaço, eu já sabia que lá era um lugar onde pessoas se reuniam para praticar a solidariedade.

Durante a infância, frequentei o centro comunitário, seja em cursos, oficinas, acompanhando meus pais em reuniões, eventos de arrecadação e outras atividades

² A Vila São Pedro foi o primeiro loteamento popular da cidade de Curitiba, a qual surgiu em 1951, mas só é parcialmente regularizado pela prefeitura no ano de 1965 (GARCIA, 2001). Quando meus avós maternos compraram um terreno aqui, em 1981, minha mãe tinha 5 anos e ela sempre contou com detalhes sobre a precariedade do território, que teoricamente teria uma estrutura melhor do que os loteamentos clandestinos que eram maioria na região, por exemplo, o esgoto a céu aberto que só veio a ser fechado no fim da década de 80.

³ O Centro Comunitário e de Proteção Alimentar Padre Miguel articula a Rede de Segurança Alimentar Campo Cidade atua na compra alimentos produzidos pela agricultura familiar e os destina gratuitamente para pessoas que não têm acesso à alimentação adequada e saudável. O Cecopam, com a rede de segurança alimentar, atua em Curitiba e Região Metropolitana em 13 bairros. Opera ações para colaborar com a superação da insegurança alimentar, atuando principalmente em locais como associações, casas de apoio, igrejas, entidades, com pessoas vulneráveis socialmente, migrantes, mães solteiras, pessoas em situação de rua, entre outros grupos.

do Centro de Formação Irmã Araújo (Cefuria)⁴ que aconteciam no espaço. Lembro que foi no Cecopam que tive meu primeiro contato com a alimentação vegetariana, orgânica e com os debates sobre soberania alimentar nos almoços e feiras que eram organizados lá.

De tantas idas e vindas, as que mais me recordo eram para buscar pão na padaria comunitária que ficava na porta ao lado da entrada principal. Sempre no fim da tarde, pelo menos uma vez por semana, buscava os pães que eram encomendados por minha mãe. Dentre as pessoas que me recordo de encontrar por lá, Rosalba⁵, trabalhadora da padaria comunitária e liderança de movimentos sociais da região, é uma das mais marcantes. Durante minha trajetória enquanto estudante e militante de outros movimentos sociais, nossos caminhos se cruzaram novamente, em atos e outras organizações Rosalba também era uma voz importante, representando muitas mulheres trabalhadoras.

A escolha das padarias comunitárias da Rede Fermento na Massa como objeto de estudo se deu justamente pela relação de respeito e admiração que existe por todo o trabalho dessas mulheres que atuam nesse projeto há mais de 20 anos. Um trabalho que se iniciou de uma maneira completamente espontânea e altruísta, sem grandes perspectivas, além de apoiar a comunidade, multiplicou-se por outros espaços da cidade de Curitiba e do estado do Paraná e continua gerando renda para mulheres que vivenciam e acreditam numa economia popular solidária.

1.2 “PRA NÃO SE PERDER, TEM QUE VOLTAR PRO COMEÇO”

⁴ O Cefuria, formado em 1981, surgiu da necessidade de se fazer formação política e contribuir na articulação dos movimentos sociais, que estavam se organizando após a ditadura militar. O Centro utiliza a educação popular como ferramenta de trabalho com grupos de base, para o empoderamento dos/as trabalhadores/as na construção do Projeto Popular para o Brasil.

⁵ Rosalba Gomes Wisniewski é trabalhadora e militante da Economia Solidária há mais de 20 anos. Liderança importante nos movimentos sociais da região sul de Curitiba, faz parte também do comitê gestor da Rede de Padarias Fermento na Massa.

Os bairros da região sul de Curitiba têm um grande histórico de movimentos de organização popular e comunitária desde meados dos anos 1960, por conta das próprias condições territoriais que favoreceram — e motivaram — o surgimento destes. De acordo com Garcia (2001), a região era marcada por problemas decorrentes da ocupação desordenada do solo, grande número de loteamentos clandestinos e pelo acelerado crescimento da população e pela falta de infraestrutura básica.

Esta região apresentou um acelerado crescimento, tornando-se a mais populosa da cidade, onde residiam pessoas de baixa renda, que se identificavam entre si por enfrentarem em seu cotidiano os mesmos problemas decorrentes de carências urbanas. Esta situação favoreceu surgimento de movimentos populares através dos quais a população reivindicava melhores condições de vida. (GARCIA, 2001, p.07).

Com o apoio de representantes da igreja católica como a Irmã Araújo⁶, enfermeira que lutou junto à população para pressionar a Prefeitura e garantir direitos básicos, como água tratada e o primeiro posto de saúde do bairro Boqueirão, e organizadas nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a população se fortaleceu enquanto comunidade. Nesse contexto, nasce o Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo (Cefuria), uma organização não governamental, com a proposta de ser um instrumento de apoio à organização das classes populares, capacitando lideranças que surgiam no trabalho de base (GARCIA, 2001).

Na década de 1990, o Brasil, que sofria as consequências do neoliberalismo e com altas da inflação, acumulava milhares de desempregados e pessoas em situação de fome e extrema pobreza (SINGER, 2000). Em meio a esse ambiente, na periferia da região sul de Curitiba, mais especificamente no bairro Sítio Cercado, iniciaram os trabalhos que mais tarde se concretizaria como a Rede Fermento da Massa. O

⁶ Maria Pinheiro Araújo, a Irmã Araújo, nasceu no Ceará, em 1919. Formada em Enfermagem, correspondeu à orientação da Campanha Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo de atuação na área da saúde e educação. Reconhecida como uma líder carismática no Bairro Boqueirão, na região sul de Curitiba, e, junto da comunidade, foi responsável pelas transformações ocorridas no espaço e pelas conquistas da associação comunitária, da fábrica de artefatos de cimento, um posto de saúde e por obras de infraestrutura urbana. Sua última conquista, em 1981, ano de seu falecimento, foi o Posto de Saúde Comunitário (KULAITIS, 2017).

começo se deu com um grupo de mulheres que integravam projetos de organização popular vinculados à igreja católica, com o objetivo inicial de produzir e vender pães para a compra de cestas básicas para famílias de extrema pobreza da região, mas que viram ali a possibilidade também de geração de renda para as mulheres que atuavam no projeto.

A Rede Fermento na Massa é formada por padarias comunitárias que atuam na região de Curitiba, organizadas de maneira autogestionada, praticando os princípios da Economia Solidária. Sua história começa em 1996, com a primeira padaria, mas só se em 2007 nasce a Associação das Padarias Comunitárias Fermento na Massa, com o apoio do Cefuria e de políticas públicas de desenvolvimento sustentável, que possibilitaram a compra de equipamentos para abertura de 18 padarias comunitárias. Desde então, as padarias da Rede atuam com base nos princípios da economia solidária de democratização das relações de trabalho.

Diferente de uma padaria comum, a comunitária não tem patrão. Esse fator muda profundamente o local e as relações de trabalho, além da própria produção. A autogestão, a união, a solidariedade e o trabalho coletivo estão entre os fatores que diferenciam uma padaria comunitária de empreendimentos convencionais (CEFURIA, 2016, p.6).

As padarias que fazem parte da rede são formadas majoritariamente por mulheres. Trabalhadoras que, em sua maioria, estão à margem do mercado formal de trabalho, com idade avançada ou em situação de vulnerabilidade social. Compartilhando suas experiências de trabalho e suas vivências em movimentos de organização popular, essas mulheres têm a possibilidade de fazer parte de um coletivo, de trabalhar e se desenvolver profissionalmente para gerar sua própria renda nas comunidades.

Ao enfatizar a cooperação solidária, a autogestão e o desenvolvimento sustentável, os princípios dessa economia contribuem para o fato de as mulheres serem capazes de construir tanto a sua própria cidadania quanto a daqueles que as circundam (CRUZ, 2006, p.323).

De acordo com Cruz (2006), é preciso reconhecer e destacar a contribuição das mulheres como protagonistas nesse processo, em que o trabalho autogestionado,

além de gerar renda, também é um gerador de possibilidades para a emancipação social das trabalhadoras que atuam nesses empreendimentos e para a comunidade em que estão inseridas.

1.3 ONDE É QUE QUEREMOS CHEGAR?

A troca de conhecimentos entre as trabalhadoras da Rede Fermento na Massa vai muito além de formação técnica sobre produção ou comercialização dos produtos da panificação. De acordo com Ribeiro (2011), a criação e a partilha de conhecimento dentro da Rede também acontecem nas conversas do dia a dia, seja sobre trabalho, política, economia ou sobre experiências coletivas e pessoais.

Reconhecendo o processo pedagógico presente na vivência dos movimentos de organizações populares, a educação popular tem o papel de manter esse processo desenvolvendo estratégias para potencializar a emancipação social das trabalhadoras com o engajamento cotidiano na prática da Economia Popular Solidária.

Nesse sentido, as perguntas que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa foram: como o processo pedagógico de formação popular e o trabalho autogestionado refletem na atuação de mulheres em um empreendimento de economia solidária? E qual a contribuição dessas práticas para a emancipação social dessas mulheres?

Continuar registrando a história de mulheres trabalhadoras e compreendendo a atuação delas como parte de um movimento social possibilita, além do reconhecimento do projeto, auxilia na promoção de sua sustentabilidade, contribuindo para outros projetos e cooperativas que atuam com o princípio da solidariedade.

Sendo assim, espera-se, por meio desta pesquisa, mapear a atuação da Rede Fermento na Massa após o crítico período de pandemia da Covid-19 para contribuir com as pesquisas sobre Economia Solidária no Brasil, trazendo novas reflexões a respeito da vivência da formação e do trabalho autogestionado, durante e após esse período, e acerca das dimensões sociais do trabalho e da formação técnica e social para as mulheres que atuam dentro de iniciativas populares de Economia Solidária organizadas em rede, como a Rede Fermento na Massa.

1.3.1 Objetivos da pesquisa

Partindo dessas observações, a pesquisa teve como objetivo principal: investigar as relações entre a educação popular na prática da economia solidária e a experiência de trabalho na Rede Fermento na Massa.

Portanto, como objetivos específicos no decorrer dos capítulos, propomos:

- Examinar o contexto atual da Rede Fermento na Massa;
- Mapear a atuação da Rede Fermento na Massa no contexto de pandemia da Covid-19;
- Identificar as práticas de educação popular na experiência de trabalho nas padarias da Rede Fermento na Massa;
- Discutir sobre as dimensões política e social do trabalho das mulheres que atuam na Rede Fermento na Massa;
- Identificar os desafios enfrentados pela Rede no período pós-pandemia da Covid-19.

1.3.2 Estrutura da dissertação

Após a introdução, partiremos para a apresentação dos caminhos da pesquisa. No capítulo intitulado “Caminhos da pesquisa: por onde andamos e como seguiremos”, pretende-se firmar os pontos de partida dos percursos escolhidos para o desenvolvimento, traçando as trilhas teóricas e metodológicas. Nas trilhas teóricas, apresentaremos as motivações e as descobertas teóricas que fundamentaram a pesquisa. Nas trilhas metodológicas, serão apresentados os processos de construção da metodologia de pesquisa nesta dissertação.

Antes de chegar ao calor da pesquisa de campo, passamos por um longo período de amadurecimento, descobrindo e revisitando teorias para a construir a base do nosso trabalho. No terceiro capítulo, chamado “Teorias e experiências para firmar os passos”, apresentamos essa base teórica da dissertação que definimos aqui como base e fermento. A base reúne discussões sobre trabalho e periferia, educação, questões sobre gênero e trabalho e a pandemia da Covid-19, mostrando que o fermento seria o encontro da educação popular e da economia solidária.

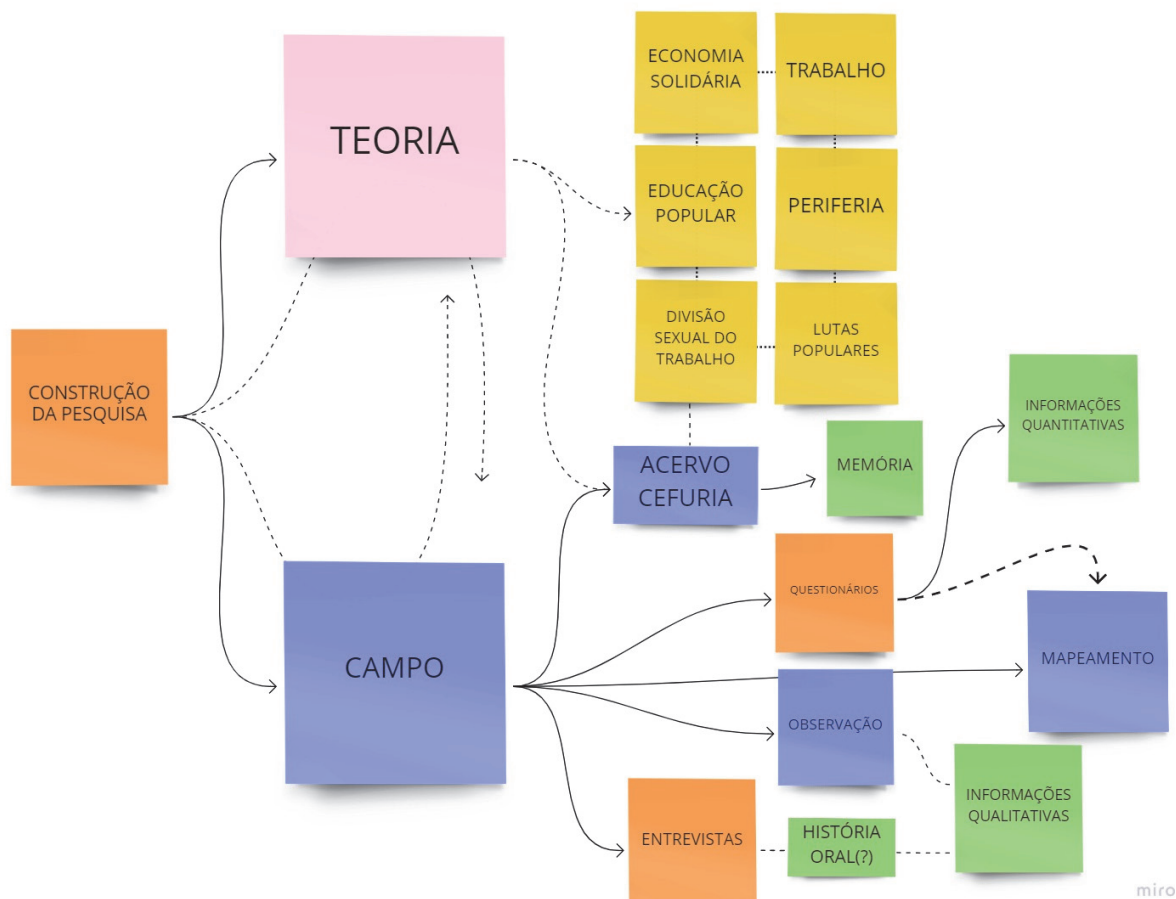
A pesquisa de campo em si está apresentada no quarto capítulo, nomeado “Mão na massa: sobre a pesquisa de campo com a rede de padarias comunitárias”, além de apresentar mapeamentos e contextualização da situação da Rede após o período mais crítico da pandemia da Covid-19. Nesse capítulo, constam registros e memórias das trocas realizadas durante a pesquisa, bem como o desenrolar das entrevistas semiestruturadas suas análises e os desdobramentos para o futuro.

A construção da estrutura da pesquisa reforça o que foi citado nos primeiros parágrafos desse texto: a escolha por uma narrativa que faça sentido com a educação popular e uma linguagem que possa ser compreendida por qualquer pessoa que tenha interesse pelas temáticas apresentadas aqui.

2 CAMINHOS DA PESQUISA: POR ONDE ANDAMOS E COMO SEGUIREMOS

Durante os dois anos de desenvolvimento da pesquisa, percorremos um longo caminho, idas e vindas, recomeços, encontros e desencontros, momentos de solidão e de muita partilha. A proposta deste capítulo é mais do que apresentar a teoria e a metodologia da pesquisa, pretendemos compartilhar aqui o processo de construção deste trabalho, as trilhas percorridas e as que foram e continuaram sendo descobertas durante este caminho.

Figura 1– Construção da pesquisa



Fonte: autora (2023)

Enquanto pesquisadora, talvez, mais importante do que definir onde gostaríamos de chegar no fim desta pesquisa, foi definir os pontos por onde pretendíamos passar durante o caminho e descobrir outros lugares enquanto caminhamos. Essa trajetória até a conclusão da dissertação foi enriquecida por pessoas, conversas, cafés, abraços, momentos que provavelmente não teríamos tido a oportunidade de viver, caso não tivesse acontecido de maneira tão espontânea.

2.1 TRILHAS TEÓRICAS

A construção do percurso teórico desta pesquisa teve um grande aporte das teorias discutidas durante as disciplinas cursadas no mestrado e nos grupos de

pesquisa, mas foi o contato com a história da Rede Fermento na Massa e as experiências trazidas pelas trabalhadoras e militantes do movimento que possibilitou definir por onde começar. Firmado o ponto de partida, a origem da Rede, seguimos em busca de materiais, cartilhas, livros e produções acadêmicas que abordassem sobre o empreendimento e as entidades de suporte envolvidas na sua trajetória.

A pesquisa desenvolvida por Garcia (2001), sobre o Grupão que originou o Cefuria, foi extremamente importante para conectar as informações que já haviam aparecido em materiais informativos e compreender o processo de formação dos movimentos de organização popular da periferia da região sudoeste de Curitiba. Considerando o contexto em que esses movimentos surgiram e as pessoas envolvidas, nos aprofundamos nas leituras de D'Andrea (2020, 2021) e Singer (2002) sobre periferia e trabalho, temas que sustentam a pesquisa.

Cabe lembrar que boa parte da pesquisa se desenvolveu durante período de isolamento social e sob um governo de desmonte⁷, que evidenciava, a cada semana, a necessidade de discussões como essa no ambiente acadêmico, mas que também nos desmotivou excessivamente por diversas vezes. Em meio a essas turbulências, resgatar o esperar de Freire (2019), nas leituras e discussões do grupo de pesquisa de Tecnologia Social e Economia Solidária, foi o que manteve a força para estudar, escrever e continuar. Foi em Freire (2019) também que as reflexões sobre Educação Popular vieram à tona e que se estruturam os conceitos de autonomia e emancipação.

⁷ Os anos de governo de Jair Bolsonaro foram marcados por cortes significativos em saúde, educação, assistência social, ciência e tecnologia e em diversos setores que acarretaram à sua precarização. De acordo com levantamento do Instituto de Estudos Socioeconômicos intitulado “A conta do desmonte”, o ano de 2021 consolidou o processo de desfinanciamento de políticas públicas que, interrompidas ou prejudicadas pela escassez de recursos, fizeram o Brasil retroceder no combate às desigualdades e na preservação dos direitos humanos.” (INESC, 2022, s/p).

Figura 2– Pesquisa teórica



Fonte: a autora (2022)

2.2 TRILHAS METODOLÓGICAS

Assim como as teóricas, as trilhas metodológicas também foram sendo descobertas e traçadas ao longo da pesquisa. Partimos de uma proposta de projeto de pesquisa elaborada durante uma pandemia, sem muitas certezas do que poderíamos ou não colocar em prática.

O primeiro contato com a Rede aconteceu ainda de forma remota no início de 2021, uma chamada de vídeo com Rosalba, que naquele momento, presidia a Associação das Padarias. Essa conversa foi muito importante para a compreensão da situação atual da Rede e para estabelecermos o contato e a relação de troca que se manteve até então. Alguns meses após essa conversa, em uma reunião do conselho

gestor⁸ da Rede, houve uma apresentação da proposta de trabalho para todas as representantes de padarias presentes.

Uma das preocupações ao iniciar a pesquisa era sobre garantir que a proposta fosse realmente interessante para ambas as partes. Essa preocupação já era citada pela própria Irmã Araújo, pessoa que esteve ao lado da comunidade desde muito antes da criação das padarias comunitárias, quando dizia para os estudantes que queriam atuar na região que precisavam antes de tudo conhecer a comunidade e que a comunidade quisesse que eles atuassem ali, pois era comum que eles participassem como parte da pesquisa de pessoas que anos depois se formariam e voltariam como classe dominante que explora o povo (CEFURIA, 2007).

Por se tratar de uma pesquisa que envolve colaboração e solidariedade, desde o início firmamos o compromisso de trocar nossas experiências e nos apoiarmos no que fosse necessário. Partimos de uma proposta de estudo de caso com o foco na Rede, ainda sem expectativas de desenvolvimento de uma pesquisa participante, mesmo assim sentimos a necessidade de trabalhar com uma proposta de troca, característica da economia solidária, desenvolvemos um mapa e posteriormente um material de divulgação⁹.

Para construir esses materiais, que até então não faziam parte da pesquisa de fato, precisamos nos aproximar mais de cada padaria e conhecer sua história e necessidades. Sendo assim, a primeira etapa da coleta de dados desta pesquisa foi a aplicação de questionários com uma representante de cada padaria¹⁰.

Em paralelo a este trabalho direto com as padarias, desenvolvíamos o projeto para submissão ao Comitê de Ética em Pesquisas (CEP). Apesar de cansativo, esse processo foi importante para a compreensão da importância da construção do instrumento de coleta de dados e das responsabilidades de pesquisar com pessoas.

⁸ Como é comum nos ambientes da Economia Solidária o conselho gestor é formado por representantes de todas as EES que integram uma Rede. As reuniões do conselho, citadas várias vezes ao longo do texto, são o espaço para discussão de deliberação da Rede Fermento na Massa.

⁹ O desenvolvimento e as considerações sobre esses materiais serão apresentados no Capítulo 4, sobre a pesquisa de campo.

¹⁰ Registro dos questionários aplicados encontram-se nos apêndices desta dissertação.

Após quatro meses e quatro tentativas recusadas por motivos diversos, conseguimos obter a aprovação do CEP no mês de ¹¹ e aí, sim, demos continuidade na pesquisa.

Durante os meses de espera entre um parecer e outro, fomos reconhecendo que a coleta de dados para esta pesquisa estava além da entrevista semiestruturada que propomos. A construção de conhecimento sobre o objeto de estudos vinha se dando desde os primeiros contatos com as trabalhadoras, nas visitas às padarias, nos pedidos de ajuda, nas reuniões.

Nesse caso, a metodologia da pesquisa e a compreensão de como coletar as informações necessárias para o seu desenvolvimento foram construídas ao longo deste caminho na troca e na participação das trabalhadoras da Rede. A escolha de uma metodologia de pesquisa participante caracterizada pelo “envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa” (GIL, 2008, p. 31).

Figura 3—Os caminhos metodológicos



¹¹ A aprovação do CEP consta no Parecer Consubstanciado de Número: 5.515.046 de 07 de julho de 2022.

Fonte: autora (2023)

Dividida em duas etapas, base e campo, a pesquisa foi construída sem uma ordem cronológica ou passo a passo definido. Quando identificamos, de fato, que precisávamos trabalhar com uma metodologia de pesquisa participante, já havíamos tido a aprovação do CEP para uma pesquisa baseada em estudo de caso, com cronograma e métodos de coleta de dados e análise definidos.

Diferente do que vinha sendo estruturado, na pesquisa participante, a coleta de dados pode vir de diversas fontes além da entrevista proposta, justamente pela riqueza de informações que podem ser registradas com a participação. A partir da observação participante:

“o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo”. Gil (2008, p.103)

Entendendo a necessidade de compromisso com a pesquisa e se baseando nos princípios metodológicos da pesquisa participante (FALS BORDA, 1981) nos reaproximamos do trabalho da Rede. Durante o período de desenvolvimento desta pesquisa, ocorreram muitas visitas, cafés e conversas que, de maneira espontânea, foram essenciais para a construção da base desta pesquisa. Desde os primeiros contatos com a Rede, coletamos informações em forma de anotações, áudios de *WhatsApp*, vídeos, fotografias, entrevistas, conversas e memórias de experiências e algumas partilhas que, talvez, até não tenham nem sido registradas, mas que contribuíram para as discussões e análises realizadas nesta dissertação.

Ao caminhar para as bases teóricas da pesquisa pretendemos organizar os conceitos que dão sentido e fundamentam este trabalho, assim como todas as práticas e experiências trocadas ao longo dos dois anos de pesquisa.

3 TEORIAS E EXPERIÊNCIAS PARA FIRMAR OS PASSOS

Para a construção da fundamentação teórica desta pesquisa, buscamos registros das vivências dos movimentos sociais que originaram a Rede de Cozinhas

e Padarias Comunitárias Fermento na Massa e a partir desses registros definimos o que seria necessário se dedicar a compreender antes de colocar a mão na massa, na pesquisa de campo: a base e o fermento.

3.1 BASE: PERIFERIA E TRABALHO

Sustentação. Início. Fundamento. Alicerce. Qualquer uma dessas palavras pode ser usada como sinônimo para o que entendemos como base nesta pesquisa. A base, numa receita de pão, pode ser farinha e água, que potencializada pela ação do fermento e do calor, cresce, fortalece e vira alimento.

Base é o povo que produz riquezas e é explorado e manipulado pelas elites dominantes, em todos os espaços. Significa começo, sustentação, algo indispensável que não pode faltar. Mas, é, sobretudo, aquela parte da classe oprimida que se dispõe a dar sustentação a um processo de mudança, sempre. (PELOSO, 2009, p. 30).

Nos movimentos de organização popular, a palavra base foi acumulando significados ao longo do tempo e afirmando sua potência (PELOSO, 2009). Seguindo nessa perspectiva dos movimentos sociais, afirmamos como base toda organização popular de sujeitos e sujeitas periféricas pela garantia da dignidade e pela justiça social, que é o que fortalece e mantém firme as lutas populares.

Consciente da amplitude de diálogos possíveis acerca da temática da desigualdade social e da periferia partimos da conceituação trazida por D'Andrea (2020) que compreende a periferia a partir do território, em geral, formado por terrenos baratos, distante dos grandes centros, abandonados pelo estado, com décadas de atraso, em relação à implantação de serviços públicos que implica na precarização desses serviços.

Em sua acepção urbana, o termo periferia deriva dos debates econômicos ocorridos nas décadas de 1950 e 1960 que versavam sobre a relação dos países da periferia do capitalismo com as economias centrais. Naquele momento, uma série de estudos analisou os desdobramentos dessa ordem econômica sobre as cidades latino-americanas que passavam por um processo de explosão demográfica. (D'ANDREA, 2020, p.20).

Na sua formação, esses territórios não eram chamados de periferia. A partir da década de 1970, com uma maior articulação de debates acadêmicos, igrejas e movimentos sociais, a população começa a ter contato com o nome periferia, mas ainda não era isso o que definia aqueles territórios tão complexos. O que cada um dos territórios tinha em comum era a sua base, formada em sua imensa maioria pela classe trabalhadora.

Para compreender as complexas relações entre trabalho e periferia, partiremos do conceito de trabalho, no modo de produção capitalista. Nesse caso, o trabalho pode ser compreendido como uma forma de transformação da realidade, desenvolvimento de habilidades e de sustento. Boleiz Júnior (2015) escreve sobre a práxis do trabalho:

no mundo regido pelo modo de produção capitalista, as ações, desejos, necessidades e gostos humanos — às necessidades criadas pelo homem para além do que se caracteriza como suas necessidades naturais — acabam por demandar as mercadorias — todas elas valores de uso — a que se referiu Marx. Na permanente empreitada de transformação do mundo, os homens transformam aquilo que está na Natureza numa outra coisa que só eles podem fazer. Essa atividade realizada pelos homens em consequência de suas escolhas que visam a lograr determinados objetivos Marx precisa como trabalho (BOLEIZ JÚNIOR, 2015, p.53).

As transformações dessas práticas afetam a vida da classe trabalhadora e dos envolvidos no processo e podem servir a variados interesses. E são desses interesses que nascem as desigualdades sociais, a dominação e a exploração de grande parte da população, sendo necessário fomento de outros modos de trabalho, em geral a margem da formalidade, em busca de desvelamento de outras realidades.

3.1.1 Sobre trabalhar, viver e sobreviver na periferia

Resistir, adaptar, remendar, ocupar, transformar. Sem poder contar com o poder público, a população periférica nasce e cresce sabendo que tem que se virar,

praticando a sevirologia¹² e criando oportunidades nas quais pouco se tem. Essa capacidade de se virar também é consequência do modo de produção capitalista, que exclui parte da população do mercado formal de trabalho e as priva de direitos trabalhistas. Em geral, são trabalhadoras e trabalhadores que desempenham jornadas exaustivas em funções de baixa qualificação (SINGER, 2000), seja no exemplo do comércio ou no trabalho doméstico, e recebem pouco.

O ajuste estrutural provocado pelas políticas neoliberais de abertura econômica, privatizações e implantação das cadeias globais de produção levou a um crescimento exponencial do desemprego na década de 1980 e de instabilidade no mercado de trabalho com crescimento de ocupações informais, precárias, por conta própria, domésticas, temporárias e intermitentes. (POCHMANN, 2020, p. 19).

A desindustrialização, deixou milhares de desempregados nas grandes cidades brasileiras o que diminuiu drasticamente a população operária na década de 1990. D'Andrea (2020) cita que até o fim dos anos 1990 houve uma desarticulação de movimentos sociais e sindicais favorecendo a descrença na política e no poder público. Quando a categoria “trabalho” abre espaço para outras possibilidades, seja pela informalidade, flexibilidade ou até mesmo pelo desemprego, a classe trabalhadora deixa de ser uma unidade de potência dentro da periferia.

É nesse momento que outras formas de mobilização aparecem com mais força como a expressão cultural e artística. A música periférica vem como uma forma de conscientizar a população desse descaso do poder público, da necessidade de denunciar a desigualdade, unir as “quebradas” e pacificar esses territórios.

De acordo com Pochmann (2020) as décadas de 1980 e 1990 continuaram desdobrando a mesma lógica neoliberal de diminuição dos direitos conquistados por parte do Estado. D'Andrea (2020) aponta que a recente onda de incentivo ao empreendedorismo individual, que segue sendo uma alternativa da população

¹² Expressão que traz um significado de luta e resistência, “a arte de se virar” foi difundida pela voz de José Soró, educador, ativista cultural e uma das lideranças de Perus, distrito da capital São Paulo. Muito citado nas falas de Tiarajú D'Andrea, Soró foi uma das referências para o trabalho e a organização dos movimentos sociais das periferias de São Paulo e atuou até os 55 anos na Comunidade Cultural Quilombaque.

periférica para tentar se manter na formalidade, pode ser vista como uma resposta a desmobilização das lutas populares por uma política neoliberal.

3.1.2 A cidade modelo e a invisibilidade da periferia curitibana

Assim como outras grandes cidades brasileiras, Curitiba também se formou de uma maneira extremamente desigual. Apesar de sustentar, durante as décadas de 1980 e 1990, a ideia de “cidade modelo” por conta do seu planejamento urbano, grande parte da população vive às margens do que seria esse modelo.

O sistema de transporte público de Curitiba foi considerado inovador na década de 1970. Nessa época a cidade ficou muito conhecida por seu planejamento urbano devido a alguns de seus títulos serem usados como publicidade (ALBUQUERQUE, 2007). A cidade é comumente conhecida como "capital do primeiro mundo" ou "capital ecológica" e tem esses muitos títulos por ser um exemplo de qualidade de vida e tem um dos planejamentos urbanos mais conhecidos do mundo.

Essa imagem que a cidade faz questão de reforçar, sobre um aspecto do planejamento urbano de primeira, cega o público para outros aspectos, como condições desiguais de moradia, saneamento precário em diversos bairros, hospitais de qualidade em todas as regiões e assim por diante.

Os planejamentos urbanos implantados em Curitiba nos últimos trinta anos podem ser considerados como um dos fatores responsáveis pelo bom nível da qualidade de vida que parte de seus habitantes usufrui. Divulgação deste fato, por parte da Prefeitura Municipal de Curitiba, favoreceu a construção e consolidação em âmbito nacional de uma imagem de "cidade modelo." No entanto, as carências urbanas com as quais os moradores dos bairros da periferia convivem diariamente não se diferenciam daquelas enfrentadas em outras capitais brasileiras (GARCIA, 2001, p. 24).

Compreender o processo de formação das periferias curitibanas nos leva a refletir sobre como a ideia de cidade modelo foi compartilhada, a partir de uma experiência que desde sempre excluiu grande parte da população.

Em sua dissertação de mestrado, “A questão habitacional em Curitiba: o enigma da ‘cidade-modelo’”, Albuquerque (2007) apresenta um pouco da realidade habitacional por trás da imagem sustentada por décadas. Ao contrário do que se espera de uma “cidade modelo”, Curitiba tem um crescente número de ocupações irregulares desde a década de 1970.

O crescimento dos territórios ocupados irregularmente se deu pelo aumento populacional na cidade de Curitiba que ocorreu nas décadas de 1960 e 1970. Corroborando com a discussão trazida por Albuquerque (2007), Garcia (2001) conta sobre o processo de construção e manutenção desses territórios de maneira autônoma, sem o apoio de políticas públicas.

Neste sentido, a igreja católica teve uma participação essencial por meio da disseminação da Teologia da Libertação¹³, com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e representantes da igreja aliados a outros movimentos sociais foi possível se organizar e lutar pela garantia de direitos durante o cruel período de regime militar que o Brasil enfrentou de 1964 a 1985 e que sofre até hoje com suas cicatrizes. Foi a partir do trabalho nas CEBs, somado a outros movimentos sociais que surgiram na época, que grande parte da população que ocupava esses territórios se organizou e teve acesso a pautas como a redemocratização do país.

Apesar de terem perdido sua representatividade enquanto projeto social, as CEBs estão presentes até hoje em muitas periferias do Brasil (D'ANDREA, 2020). Na região sul de Curitiba, onde os trabalhos da Rede Fermento na Massa se iniciaram, temos como referência muitos trabalhos desenvolvidos apoiados pelas CEBs. São nos espaços físicos cedidos pelas CEBs, assim como outras instituições ligadas à Igreja Católica, que se encontram a maioria das sedes das padarias comunitárias da Rede.

3.1.3 Sobre o trabalho das mulheres

¹³ A Teologia da Libertação é movimento social que surge na Igreja Católica na década de 1960 buscou auxiliar a população pobre e oprimida a partir uma análise crítica da realidade social o que favoreceu a organização popular na luta por direitos básicos.

Dentro dos ambientes de formação e ação popular, nos movimentos sociais e principalmente nos projetos de ação social, a presença de mulheres sempre foi muito significativa. Seja por estarem encarregadas da produção do viver e do trabalho de cuidado, por estarem à margem do mercado formal de trabalho ou por, de fato, estarem mais engajadas com organizações populares e religiosas.

Esse processo de fortalecimento e busca de uma gestão participativa possibilita vivências que em outros espaços de trabalho formais não acontecem. Mesmo com longo histórico de lutas femininas na conquista de direitos trabalhistas, muitas desigualdades ainda são mantidas, como aponta Hirata (2017), ao falar sobre a divisão sexual do emprego e da atividade profissional:

[...] aumento das taxas de atividade femininas, mas persistência das desigualdades, tanto entre sexos, quanto entre raças e entre classes, na medida em que partimos do ponto de vista segundo o qual as relações sociais de gênero, de raça e de classe são interdependentes e indissociáveis. Postulamos tanto a interdependência desses conceitos enquanto categorias de análise quanto a indissociabilidade dessas categorias na prática dos movimentos sociais (HIRATA, 2017, p. 149).

De acordo com os dados do Segundo Mapeamento Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários (SENAES, 2013), na microrregião de Curitiba, onde a maioria dos empreendimentos é de atuação urbana, as mulheres são 60% entre os associados. Dos 198 empreendimentos listados, 191 estão com mulheres nos cargos de liderança (SENAES, 2013). Já nos empreendimentos na área rural, o número de mulheres atuantes, apesar de representativo, ainda é menor comparado ao número de homens, principalmente quando se considera a taxa de participação dessas mulheres em cargos de liderança.

O protagonismo de mulheres em empreendimentos cooperativos, principalmente nos que atuam no ramo de produção e comercialização de artesanato e alimentação em áreas urbanas, é motivado pela possibilidade de trabalho que seja valorizado e reconhecido, não apenas financeiramente, visto que os rendimentos dos empreendimentos de pequeno porte ainda são baixos (SENAES, 2013).

A formação popular, dentro dos ambientes da Economia Solidária, permite a construção e o fortalecimento do pensamento crítico das trabalhadoras não apenas em relação ao trabalho, à sociedade e às suas relações, bem como o reconhecimento

das desigualdades de gênero, as quais estão submetidas e pelas quais foram impedidas de acessar o mercado formal de trabalho e/ou sobrecarregadas com as funções de cuidado.

Durante o período de observação dos trabalhos da Rede, foi possível identificar na conversa com trabalhadoras da Rede Fermento na Massa que a situação delas vai de encontro com o que aponta Hirata (2017), sobre a possibilidade de reconhecimento das responsabilidades desiguais dentro de suas próprias casas. Entrando em contato com outras mulheres em situações similares às suas, encontram autonomia para enfrentar essas questões.

A solidariedade econômica e social refere-se a uma responsabilidade coletiva, e cada pessoa sente que isso também lhe diz respeito.

Ao revalorizar as práticas de reciprocidade e de cuidar dos outros não mais enquanto virtudes femininas, mas uma responsabilidade coletiva que contribui para o desenvolvimento pessoal de cada um; ao facilitar a expressão de problemas particulares e a reivindicação de soluções para eles; e, enfim, ao desempenhar um papel de mediação entre diferentes esferas com muita frequência consideradas compartimentadas, as práticas da economia solidária demonstram que a questão da pobreza feminina e, de maneira mais ampla, a das desigualdades entre homens e mulheres não são uma fatalidade, desde que se admita que dependem de uma responsabilidade compartilhada. (GUÉRIN, 2003, p. 71-72)

Porém, são as mulheres que vêm assumindo com mais presença esse valor, justamente por terem que operacionalizar ao mesmo tempo o trabalho da casa e da rua. São elas que conduzem boa parte da dinâmica de produção social sem que isso lhes seja devidamente reconhecido.

ainda que se reconheça ser necessária uma investigação mais precisa sobre as razões para a presença das mulheres se mostrar mais expressiva em grupos com tais características, é possível afirmar que há uma relação entre a 'necessidade' que as mulheres enfrentam de conciliar as atividades que desenvolvem nos grupos dos quais participam com as tarefas no âmbito familiar. Afinal, acessar os complexos mecanismos da formalização e gestão econômico-financeira do empreendimento é algo que demanda um tempo do qual ainda não podem dispor. Os arranjos políticos e econômicos tornam-se os possíveis e refletir-se-ão no dos indicadores relativos aos grupos nos quais a presença feminina predomina. As chances de enfrentar as consequências da informalização ficam mais distantes para as mulheres (CARNEIRO COSTA, 2011, p. 22).

Neste sentido, Costa (2011) afirma que é essa precarização do trabalho das mulheres na economia solidária se dá pela difícil conciliação entre vida familiar e vida profissional. A informalidade e consequente precarização do trabalho foi agravada pela pandemia da Covid-19, onde essas trabalhadoras estavam mais uma vez, entre os grupos que mais foram afetados. De acordo com a OIT:

as mulheres sofreram perdas desproporcionadas de emprego e de rendimento, nomeadamente devido à sua sobre representação nos setores mais atingidos, e muitas continuam a trabalhar na linha da frente, sustentando os sistemas de prestação de cuidados, as economias e as sociedades, ao mesmo tempo que fazem, muitas vezes, a maioria do trabalho não remunerado de prestação de cuidados, o que sublinha a necessidade de uma recuperação que responda às questões de género (OIT, 2021, p.28).

No tópico a seguir, discutiremos mais abertamente sobre a questão da pandemia da Covid-19 e suas consequências para as mulheres, trabalhadoras e para o movimento da economia solidária.

3.1.4 No meio da crise, outra crise: a pandemia da covid-19

O ano de 2020 se inicia com um alerta para população mundial. Em dezembro de 2019, nesse momento ainda bem longe do Brasil, foi noticiada a ocorrência de uma doença infecciosa causada pelo novo vírus Sars-CoV-2, popularmente chamado de coronavírus ou Covid-19. O que se iniciou com uma série de casos de pneumonia na cidade de Wuhan República Popular da China (OPAS, 2020). Logo, espalhou-se por todo o mundo, sendo transmitido por pessoas que viajaram e tiveram contato com pessoas contaminadas.

No mês de março de 2020, a OMS caracterizou a Covid-19 como uma pandemia, por conta da sua distribuição geográfica de impacto mundial. O primeiro caso notificado da doença no Brasil foi em 25 de fevereiro de 2020 (CORONAVÍRUS..., 2020). Em Curitiba, o primeiro caso foi confirmado no dia 11 de março de 2020 (CURITIBA, 2020). Nesse momento, muitos pesquisadores do mundo todo se voltaram a estudar essa nova cepa para compreender seus sintomas, formas de transmissão, como se prevenir, como se tratar.

A velocidade com que a doença se espalhou por todo o território brasileiro foi proporcional ao colapso do sistema de saúde nacional. Apesar de não haver distinção

no momento do contágio, obviamente, a pandemia afetou de maneira muito mais agressiva as classes menos favorecidas. Tal situação ocorreu pela falta de acesso a itens básicos como máscaras, álcool em gel, mas principalmente pela impossibilidade de cumprir o distanciamento social, que foi uma das primeiras recomendações da OMS para se evitar o contágio.

Cabe, aqui, explicar que na escrita deste capítulo não pretendemos apresentar dados quantitativos sobre a pandemia da Covid-19 nem mesmo reviver esse período que foi tão cruel com os nossos. Assim como esta pesquisa, diversas outras que foram escritas nesse período também foram impactadas pela doença e precisaram se adaptar. E não só se adaptar ao “novo normal” que foi imposto com a repentina transformação de tudo o que conhecíamos em trabalho remoto, desde compras até consulta médica, foi preciso literalmente incluir a temática da pandemia da Covid-19 nas pesquisas de campo, porque elas foram diretamente afetadas pela crise.

De acordo com Santos (2020), o que explica uma crise, quando passageira, são os fatores que a provocaram, mas quando a crise permanece, ela se transforma na causa, o que explica todos os outros problemas. Em *A Cruel Pedagogia do Vírus* (2020), o autor propõe pensar a crise da pandemia da Covid-19 como “a normalidade da exceção”, a crise que veio com a pandemia apenas intensificou e não se contrapôs a realidade que já estávamos vivendo.

Muito antes da chegada do vírus, o Brasil já vivia uma situação alarmante de desigualdade e devastação ambiental. Santos (2020) afirma que alguns grupos da sociedade já estavam de alguma forma em isolamento social a muito tempo. São as mulheres, os trabalhadores precários, a população em situação de rua, os moradores de periferia, os refugiados, as pessoas com deficiências e idosas, os encarcerados, entre outros grupos que têm seus direitos tolhidos diariamente pela sociedade capitalista.

Essas pessoas que já estavam isoladas — sem acesso à saúde, à alimentação de qualidade, ao saneamento básico, à educação, à cultura — foram novamente atingidas, mas dessa vez sendo impedidas de se isolar e se manter seguras. Como manter isolamento social sob condições precárias? sem poder trabalhar remoto,

passando horas em transporte público lotado? Como seguir as medidas sanitárias de prevenção sem água, dividindo a casa com várias pessoas ou até mesmo sem casa para morar?

A inclusão da sessão sobre a pandemia da Covid-19 neste texto foi mais uma forma de reforçar o que veio sendo tratado ao longo da pesquisa. Em uma sociedade capitalista, a periferia é excluída todos os dias e —longe de querer romantizar a situação— precisa se organizar e lutar para construir possibilidades de vida mais digna.

3.2 É O FAZ CRESCER O MOVIMENTO: EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA

Fermento é um organismo vivo, que cresce e se multiplica. Como dizem as trabalhadoras da Rede, "assim como faz crescer o pão, o fermento faz crescer a solidariedade praticada pelas padarias comunitárias da Rede Fermento na Massa¹⁴". Nesta sessão, discorreremos sobre alguns desses organismos vivos que fermentam a atuação da Rede na prática da economia solidária.

3.2.1 Educação popular e autogestão como ferramenta de emancipação

Ferramenta necessária para formação e manutenção dos movimentos sociais, a Educação Popular, na perspectiva freiriana, é uma proposta orientada para a construção de uma consciência crítica da pessoa em relação a sua realidade, com a intenção de que essa se torne sujeita ativa na construção e transformação dessa realidade. Pretendemos refletir sobre a relação da educação popular e do trabalho de base na organização dos movimentos sociais.

¹⁴ A frase citada foi retirada de um panfleto produzido pelas trabalhadoras para compartilhar a história da Rede e foi adaptada para a criação do *flyer* apresentado na sessão 4.1.1.

O trabalho em si é um processo educativo, a formação de trabalhadores é produção de conhecimento (TIRIBA, 2008), porém, numa sociedade capitalista, “ao se configurar como trabalho alienado, tem contribuído para a desarticulação e desapropriação dos saberes da experiência e, por conseguinte, para a desqualificação do trabalhador” (TIRIBA, 2008, p. 4). Nesse sentido, o trabalho autogestionado, diferente do que estamos acostumados a ver no modelo capitalista, é uma ferramenta de democracia que permite aos trabalhadores tomarem conhecimento de todas as etapas de produção.

Quais as dimensões educativas do trabalho associado? Embora não eliminem a alienação do trabalho que caracteriza a sociedade capitalista, a propriedade e a posse dos meios de produção trazem para os trabalhadores a possibilidade de articular os saberes que a organização capitalista do trabalho fragmentou. Assim, entendemos os processos educativos como mediação e, ao mesmo tempo, como elemento da cultura do trabalho que vai se plasmando no cotidiano da produção associada e no movimento maior de constituição de novas relações de convivência no âmbito da sociedade (TIRIBA, 2008, p.74).

Na discussão sobre emancipação social, de acordo com Paulo Freire (1981), o indivíduo precisa reconhecer-se dentro do processo de libertação, experimentando e se apropriando do poder de expressar sua vivência como protagonista da sua história.

Assim, na medida em que os seres humanos atuam sobre a realidade, transformando-a com seu trabalho, que se realiza de acordo como esteja organizada a produção nesta ou naquela sociedade, sua consciência é condicionada e expressa esse condicionamento através de diferentes níveis (FREIRE, 1981, p.55).

Freire (2019a) também possibilita refletir sobre como esse protagonismo emancipador, que se expressa por meio de uma gestão mais horizontal dos trabalhos, como é o caso da Rede Fermento na Massa, relaciona-se com posições mais democráticas que ultrapassam a esfera do trabalho.

A inexperiência democrática é característica em países colonizados como o Brasil (SANTOS, 2020) e a bagagem da exploração do trabalho dificulta a real compreensão da democracia. A forma mais eficiente de se aprender democracia é vivendo-a na prática (FREIRE, 2019a). A vivência da democratização das relações de

trabalho na Economia Popular Solidária, além de trabalho, é um exercício educativo para a compreensão de que outras formas de organização são possíveis.

A formação popular para o trabalho autogestionado tem o papel de manter o desenvolvimento de estratégias para potencializar uma emancipação social com o engajamento cotidiano na prática da Economia Popular Solidária, onde as próprias trabalhadoras percebem os obstáculos encontrados no caminho e se organizam para debater e propor formações, bem como para a resolução dos problemas cotidianos.

A autogestão, mais do que uma ferramenta, é fundamento necessário para a prática da economia popular solidária. Assim como outros conceitos relacionados aos movimentos sociais,

[...] no sentido político, econômico e filosófico, autogestão é um conceito que encerra a ideia de uma forma de organização social em que os sujeitos têm autonomia e autodeterminação na gestão do trabalho e em todas as instâncias das relações sociais. Tem como pressuposto a propriedade comum e a posse dos meios de produção da vida social e, por conseguinte, o controle coletivo e soberano das relações que os grupos sociais estabelecem com a natureza e entre si no processo de produção da existência humana. [...] No sentido restrito, é uma atividade econômica caracterizada pela propriedade coletiva dos meios de produção de bens e serviços e pela participação ativa dos trabalhadores nas decisões da organização. (TIRIBA, 2008, p.83).

A partir das experiências relatadas pelas entrevistadas pretendemos, no capítulo 4, desenvolver mais a respeito das formações populares que ocorrem na prática do trabalho na Rede Fermento na Massa, bem como discutir sobre os possíveis impactos dessas ações para a emancipação social das trabalhadoras.

3.2.2 Economia Solidária: experiências e desafios

Uma alternativa de resistência e sobrevivência ao modelo de economia capitalista que tem como objetivo o lucro, a partir da alienação do trabalho,

[...] a economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa

única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica (SINGER, 2002, p. 10).

Para além da democratização das relações de trabalho, uma diferença importante que deve ser observada na Economia Solidária é a dualidade da solidariedade e da competição. No atual modo de produção capitalista, no qual estamos inseridos, a solidariedade é característica da população pobre (SINGER, 2001) que pouco tem e sempre que possível distribui, onde há muito menos competição.

Portanto, não deve surpreender que as organizações sociais e econômicas inventadas e mantidas por pobres (desprovidos de propriedade) sejam regidas muito mais pela solidariedade do que pela competição. A economia solidária compreende diferentes tipos de 'empresas', associações voluntárias com o fim de proporcionar a seus associados benefícios econômicos. Estas empresas surgem como reações a carências que o sistema dominante se nega a resolver (SINGER, 2001, p. 105).

Outros princípios que distanciam a Economia Solidária da capitalista são o desenvolvimento humano e a responsabilidade social (GAIGER, 2001). Além de trabalhar no desenvolvimento da autogestão, é necessária a formação de consciência, educação integral seguindo os princípios da Educação Popular, de emancipação social e do comprometimento com a comunidade em que estão inseridos trabalhadoras e trabalhadores e o empreendimento.

Baseada nos princípios da autogestão e da partilha dos meios de produção, a Economia Popular Solidária é uma alternativa — com capacidade de expansão e sustentabilidade — em uma sociedade capitalista periférica como a que vivemos no Brasil (DAGNINO, 2009). Considerando que sua origem é fruto de lutas e movimentos de organização popular e as primeiras discussões acerca deste conceito no Brasil datadas da década de 1980, o campo de estudos da Economia Solidária se ampliou rapidamente.

De acordo com o Documento orientador da VI Plenária Nacional de Economia Solidária (FBES, 2022), foi a partir de 2002 com os questionamentos trazidos do primeiro Fórum Mundial Social e com a eleição do governo Lula, que começaram as organizações para uma política nacional que favorecesse a prática de uma Economia Popular Solidária.

Durante os anos governos do Partido dos Trabalhadores, período entre 2003 e 2015, ocorreram grandes avanços no campo de atuação por conta da instituição de Políticas Públicas para a Economia Solidária — como a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) e o Conselho Nacional de Economia Solidária —, o que criou uma certa dependência de agenda política nas pautas da ES e, por conta disso, após o golpe de 2016, houve uma grande desarticulação do movimento no âmbito nacional (FBES, 2022).

Nesse sentido, o campo da Economia Solidária vem desde então sofrendo as consequências dessa desarticulação. No documento orientador da VI Plenária Nacional de Economia Solidária (FBES, 2022), a Comissão Organizadora trouxe um panorama histórico desde a construção até a atual conjuntura e reconhece que faltam estratégias para garantir a sustentabilidade do movimento.

No processo de ampliação do campo de atuação da Economia Solidária muita energia foi voltada para divulgar e afirmar a economia solidária e pouco foi investido para melhorar sua própria organização e funcionamento, para desenvolver a independência e autonomia necessária para garantir a sua sustentabilidade (FBES, 2022).

Nos anos de 2020 e 2021, toda a população brasileira sofreu com os impactos da pandemia da Covid-19. Em meio à situação alarmante de desigualdade que foi se restabelecendo, a pandemia de Covid-19 reforçou a crise que já vinha sendo enfrentada (SANTOS, 2020) e a ideia de uma “inclusão digital”¹⁵ foi praticamente imposta como única alternativa para que a vida pudesse seguir “normalmente” em meio à pandemia. Com a necessidade de se estar conectado para poder continuar trabalhando, estudando, tendo acesso à cultura, à saúde, à mobilidade e a tantas outras necessidades básicas durante o período de isolamento, as desigualdades no acesso digital foram escancaradas.

¹⁵ Utilizamos aqui o conceito de inclusão digital entre aspas pela ambiguidade de significados que o uso do binômio inclusão/exclusão pode apresentar. Neste caso, a forma como essa inclusão digital é imposta à população como uma necessidade apenas reafirma a exclusão social da pessoa que não faz uso da tecnologia digital, seja pela falta de acesso ou de interesse.

No tópico intitulado “Economia solidária como modelo de desenvolvimento econômico, social e político”, o documento orientador da VI Plenária Nacional de Economia Solidária (FBES, 2022) aponta questionamentos necessários para a sustentabilidade da ES como desenvolvimento econômico, social e político no território. Dentre eles, a questão da inclusão digital é citada tanto no contexto de comunicação e vendas, quanto em relação à formação popular nos empreendimentos e redes de ES. Pretende-se desenvolver mais reflexões sobre esse ponto no Capítulo 4, no qual abordaremos as experiências da Rede Fermento na Massa.

4 MÃO NA MASSA: SOBRE A PESQUISA DE CAMPO COM A REDE DE PADARIAS COMUNITÁRIAS

Durante nossas primeiras conversas, lá em meados de outubro de 2021, com algumas trabalhadoras da Rede e educadoras do Cefuria, buscamos identificar como estava a situação da Rede, se precisavam de algum tipo de apoio, se poderíamos e o que poderíamos fazer para apoiar as trabalhadoras e as padarias e se teríamos condições de desenvolver nossa pesquisa naquele momento.

Ciente da situação crítica — social e econômica — que grande parte da população brasileira estava enfrentando, prevíamos que os impactos da pandemia da Covid-19 teriam atingido também as padarias da Rede. E como imaginávamos, desde os primeiros contatos, tivemos acesso a um breve resumo da atual situação das padarias: estavam todas tentando se reestruturar após o duro período de pandemia.

4.1 “SOBREVIVENDO A PANDEMIA”: UM MAPEAMENTO DA ATIVIDADE DA REDE NO ANO DE 2022

“Após um longo período de recesso, devido à pandemia da covid-19, as padarias comunitárias da Rede Fermento na Massa estão se movimentando para que o ano de 2022 seja de retorno e fortalecimento nas ações” (REDE..., 2021, s/p), a frase publicada, em 2 de dezembro de 2021, no site do Cefuria, acompanhada de

imagens de trabalhadoras e maquinários de panificação, representa o sentimento não apenas de retorno, mas de renovação das forças para continuar com o trabalho da Rede.

Durante os períodos em que houve necessidade de distanciamento social pelos avanços da pandemia da Covid-19¹⁶, as trabalhadoras das padarias comunitárias, em sua maioria mulheres idosas e que trabalham de maneira informal diminuíram o fluxo de trabalho ou deixaram de trabalhar. De acordo com as orientações da Organização Internacional de Trabalho (OIT), descritas no observatório “Covid-19 e o Mundo do Trabalho”, estudo que reuniu informações sobre o vírus e os impactos mundiais no mercado de trabalho e orientações para os países na adoção de políticas públicas nacionais que resguardem os trabalhadores e trabalhadoras:

“evidenciam a necessidade de resguardo dos mais vulneráveis, sejam eles informais ou formais precários, no que se refere ao gênero, à importância da proteção social aos trabalhadores e àqueles que se veem impedidos de laborar, bem como a imprescindível proteção do emprego e renda e a relevância do diálogo social para adoção das políticas nos tempos atuais. (GONÇALVES e BELTRAMELLI, 2022, p. 6).

Nesse sentido, as trabalhadoras que tinham na padaria uma renda extra deixaram de contar com essa renda, e quem se dedicava exclusivamente à padaria precisou correr atrás de outras formas de sustento, auxílio de políticas públicas e de familiares. Com o fechamento das padarias por longos períodos, além da questão financeira, essas trabalhadoras precisaram se adaptar para lidar com o isolamento social. A Rede manteve de maneira remota parte de suas atividades, foram duas grandes formações com cerca de 80 horas e vários meses de encontros semanais virtuais, atividades que foram realizadas em parceria com as entidades de apoio e fomento.

¹⁶ Durante o período de maior contágio da Covid-19, pessoas com mais de 60 anos, pessoas com doenças cardíacas e pulmonares, entre outras especificidades, foram identificadas como grupos de maior risco de contrair o vírus, sendo assim, foram as primeiras a deixarem seus postos de trabalho para cumprir o isolamento social (OIT, 2021).

No início de 2022, as padarias retornaram oficialmente suas atividades de produção e de comercialização, voltando também às reuniões do conselho gestor que conta com representantes de todas as unidades. Nesses encontros mensais, as trabalhadoras informam como está o trabalho em cada padaria, trocam experiências e trazem ideias para possíveis formações técnicas e tomam decisões coletivamente.

Estivemos presente em duas reuniões do conselho gestor, nos meses de maio e junho de 2022, e observamos que havia de fato a necessidade de uma organização para dar continuidade nos trabalhos que haviam sido retomados de forma presencial recentemente.

4.1.1 Um olhar de quem está de fora

Quando tivemos os primeiros contatos com a Rede e foi nos sugerida a proposta de troca, logo vimos ali a oportunidade de desenvolver um projeto grande e que refletisse de maneira positiva no trabalho daquelas mulheres. Já sabíamos até ali que o período de pandemia da Covid-19 havia diminuído as vendas das padarias como um todo e que o contato pessoal com cada comunidade também havia sido prejudicado com o isolamento social.

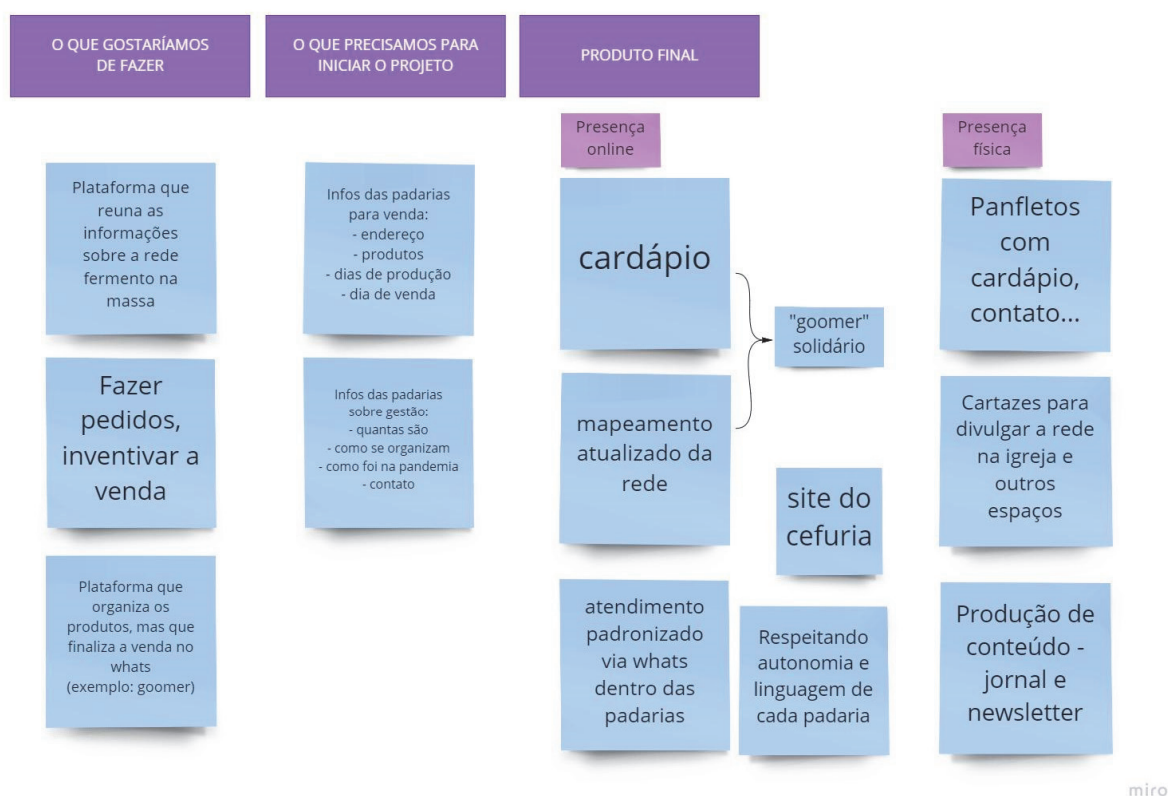
As padarias recebem pedidos, produzem e geram sua renda semanalmente no formato que funciona para cada equipe, mas esperam que com estratégias de *design* e comunicação as demandas de produção aumentem. Cada padaria é responsável por sua própria divulgação e venda de forma autônoma, mas durante as discussões, foi levantada a importância de as padarias também reforçarem sua identidade como uma Rede.

Das informações que conseguimos dessas primeiras conversas, partimos para metodologias de *design* — que era o que estávamos familiarizadas — para organizar esses dados de maneira visual e entender o que poderia ser feito.

Em um primeiro momento, organizamos o que gostaríamos de fazer e o que precisaríamos fazer para alcançar aqueles objetivos. No mural de ideação (Figura 2), trabalhamos com a ideia de um mapeamento e criação de uma plataforma de cardápio *on-line* para vendas, além de materiais físicos como panfletos e cartazes que

pudessem ser distribuídos de mão em mão na comunidade em que cada padaria está inserida.

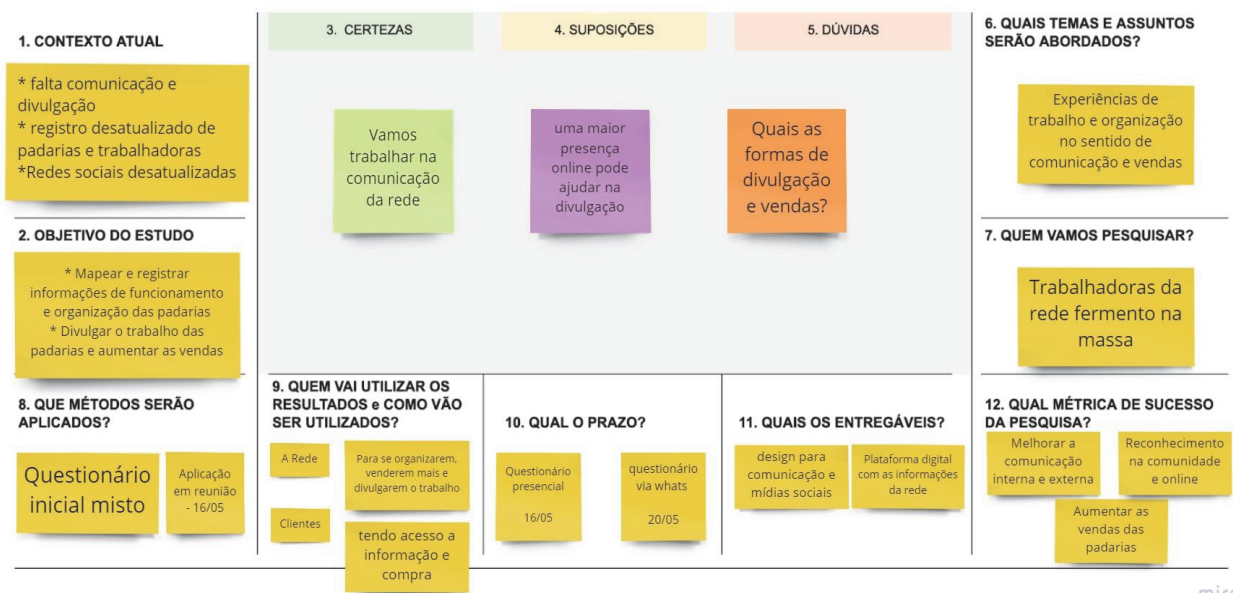
Figura 4– Mural de ideação



Fonte: a autora (2022)

Quando apresentamos a ideia para uma das trabalhadoras, a reação foi positiva, “de brilhar os olhos”. A ideia de que alguém, de fora, pudesse ajudar a fazer tudo isso realmente era muito interessante para a Rede. Mais uma vez, seguimos detalhando o processo em outro mural (Figura 3) para visualizar o projeto como um todo antes de apresentarmos para a Rede, na reunião que aconteceria no mês de junho.

Figura 5– Mural certezas, suposições e dúvidas



Fonte: a autora (2022)

Na reunião do conselho gestor de maio de 2022, conseguimos conversar com representantes de 12 padarias. Como não tínhamos espaço de pauta durante a reunião, conversamos com as trabalhadoras durante o intervalo para o café e, nesse primeiro momento, apenas registramos seu nome, o nome da padaria em que atua e o telefone para entrarmos em contato posteriormente.

Até esse momento, a proposta era o desenvolvimento de uma plataforma de venda *on-line* para a Rede, que pudesse auxiliar nas vendas e na gestão da padaria. Porém, durante a primeira reunião, já percebemos que centralizar e/ou padronizar a forma como as padarias se organizam não fazia sentido.

Primeiramente, porque cada padaria tinha sua própria maneira de administrar as vendas e a divulgação e, segundo, porque grande parte das trabalhadoras tinha pouca ou nenhuma experiência com computadores e tecnologias que pudessem ser necessárias para o manuseio de um *software*, por mais simples que ele fosse.

4.1.2 Um passo de cada vez: para conhecer e partilhar

Como proposta para dar um suporte a esse período, deixando de lado nossas expectativas enquanto pesquisadoras, desenvolvemos um projeto de mapeamento da situação atual da Rede Fermento na Massa. Reconhecemos nesse momento que, antes de planejar qualquer tipo de ação, precisamos, de fato, estar presente, conhecer a Rede e as padarias para então construir em coletivo.

Quais padarias ainda estavam ativas no pós-pandemia? Qual a estrutura dessas padarias? Quantas trabalhadoras ainda estavam atuando na Rede? Tendo como ponto de partida essas questões, desenvolvemos um questionário simples, encaminhado por *WhatsApp* com algumas questões sobre o funcionamento da padaria: endereço, dias de trabalho, quantidade de trabalhadoras, quantas mulheres e quantos homens, como realizam as vendas e se precisariam de algum apoio com mídias sociais e/ou artes para divulgação.

Tabela 1– Levantamento de dados sobre a Rede

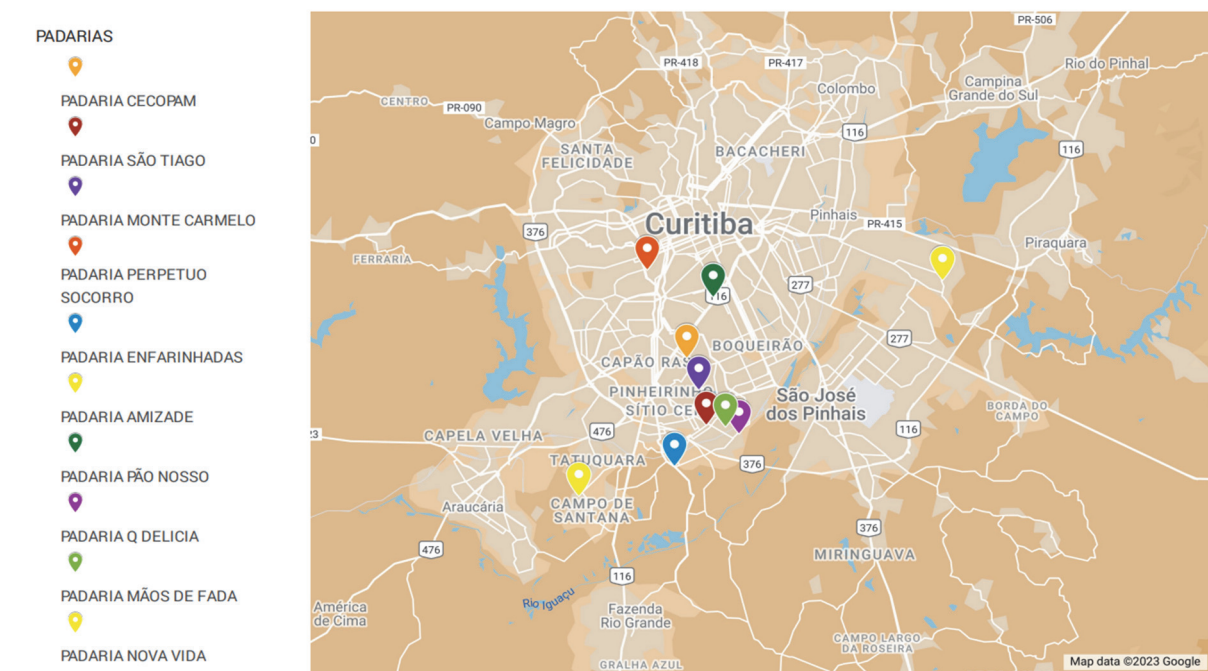
Padaria	Localização	Trabalhadoras
Amizade	Piraquara	3
Cecopam	Xaxim	1
Enfarinhadas	Umbará	5
Monte Carmelo	Pinheirinho	3
Mãos de Fada	Sítio Cercado	3
Mãos Talentosas	Umbará	8
Nossa Sra. Aparecida	Sítio Cercado	3
Perpétuo Socorro	Vila Izabel	6
Pão da Vida	Almirante Tamandaré	3
Pão Nosso	Fanny	3
Santos Dias	Vila Torres	5
São Tiago	Sítio Cercado	3

Fonte: a autora (2022)

A primeira informação relevante que conseguimos com aquele questionário foi que, durante o período de pandemia, só atuavam na rede trabalhadoras mulheres e, por esse motivo, na escrita desta dissertação, decidimos adotar o pronome feminino, trabalhadora, para fazer referência às pessoas que trabalham.

A partir dos resultados dos questionários, desenvolvemos o primeiro material a ser apresentado para as trabalhadoras da Rede, o qual foi um mapa on-line para a identificação das padarias ativas em Curitiba e Região Metropolitana.

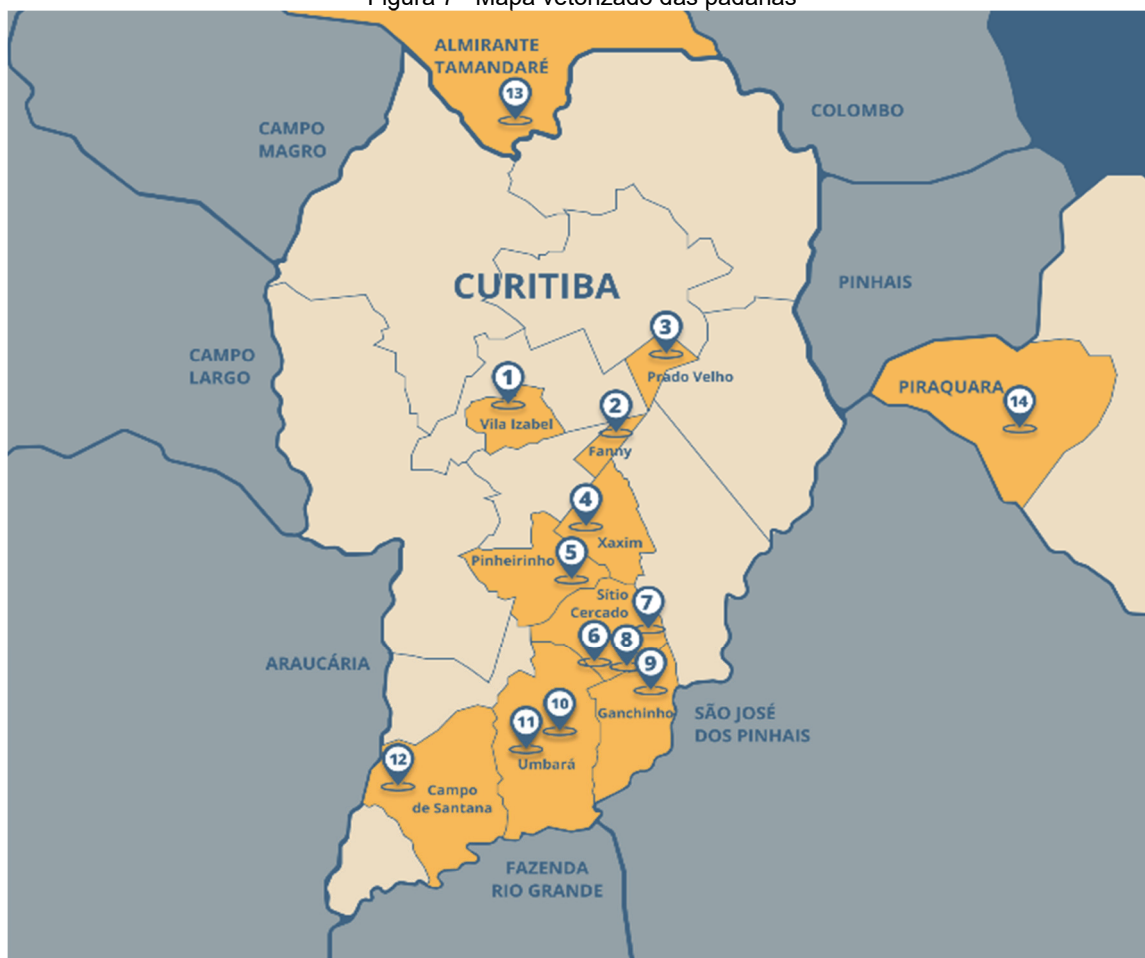
Figura 6– Mapa online das Padarias



Fonte: a autora (2022)

Como a ideia de trabalhar com uma plataforma digital já havia sido descartada, adotamos a proposta do mapa para ser utilizado de maneira impressa. A ilustração do mapa das padarias foi o primeiro resultado gráfico desse levantamento, ela foi apresentada para as trabalhadoras do comitê gestor e aprovada na reunião do mês de julho.

Figura 7– Mapa vetorizado das padarias



Fonte: a autora (2022)

O modelo de organização da Rede, com apenas um encontro por mês, fez com que esse processo de desenvolvimento de peças de *design* levasse um tempo maior do que o esperado para chegar em resultados, pois cada alteração ou ideia precisava ser aprovada por todas as trabalhadoras durante a reunião presencial mensalmente. Respeitando o tempo e a forma como a Rede se organiza, em paralelo a esse trabalho de mapeamento, iniciamos um contato maior com algumas dessas padarias que se demonstraram interessadas nessa proposta de troca, com visitas para conhecer o espaço e as trabalhadoras.

Em uma dessas visitas, em junho de 2022, conhecemos a Padaria Comunitária Perpétuo Socorro que foi uma das últimas a se formar. Inicialmente, as produções aconteciam na Padaria Monte Carmelo, no bairro Pinheirinho, e eram

comercializadas no local onde hoje fica a padaria e, só no início de 2022, um grupo de mulheres que já participavam de outras padarias iniciaram a atuação no novo espaço, a cozinha cedida pelo Lar Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Durante a visita, conhecemos o espaço e as trabalhadoras que estavam envolvidas na formação da padaria, pudemos conversar enquanto elas trabalhavam na produção de pães e bolachas.

Figura 8– Trabalhadoras e sua produção



Fonte: registros de campo (2022)

Figura 9– Registro da visita à Padaria Comunitária Perpétuo Socorro



Fonte: registros de campo (2022)

A interação com as trabalhadoras se deu de uma maneira muito espontânea, elas se demonstraram muito interessadas em contar sobre suas experiências e sobre os planos para aquela padaria. Alguns dias antes da nossa visita, elas organizaram uma oficina de Canva, uma plataforma on-line e gratuita para criação de conteúdo audiovisual, na qual compartilharam as noções básicas para a criação de imagens que pudessem ser usadas para divulgação redes sociais.

No mês de julho de 2022, iniciara-se ali um curso de Panificação para a atuação em padarias comunitárias ofertado pela Rede Mandala¹⁷, a partir dali se formariam outras trabalhadoras que iriam atuar na Rede Fermento na Massa. Para celebrar o encerramento desse curso, as trabalhadoras da Rede organizaram um café colonial. Para divulgar o evento as trabalhadoras criaram um convite a partir do

¹⁷ A Rede Paranaense de Economia Solidária Campo-Cidade, ou apenas Rede Mandala, é formada por empreendimentos econômicos solidários (EES) e grupos de trabalho informais de produção, comercialização e prestação de serviços. Desde 2017 a Rede Mandala tem o propósito de união fortalecimento da atuação trabalhadoras e trabalhadores que vivem a Economia Solidária do campo e da cidade, no estado do Paraná. (CEFURIA, 2020)

mesmo modelo que utilizavam para criar os cardápios semanais e a divulgação do evento aconteceu pelas redes sociais com o apoio do Cefuria e da Rede Mandala.

Figura 10– Convite para o café colonial da Rede

06 de Agosto

Café Colonial

Rede de Padarias Comunitárias

- PÃES • BOLOS • SALGADOS
- GELEIAS • FRUTAS E MUITO MAIS...

Adquira seu convite até o dia 03/08

R\$ 35,00 por pessoa*

Denise (41) 9 97386006

Pix 87753278991

Teremos vendas no local de pães, sequilhos, cucas...

🕒 Sábado 06/08/22
14:30 - 17:30

📍 Rua: Prof. Dr. Pedro Ribeiro Macedo da Costa, 819, Vila Isabel (atrás do hospital Constantini)

*Abaixo de 5 anos não paga
Criança até 10 anos R\$ 17,00

Realização

Logo: Lar Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Logo: Rede de Padarias Comunitárias

Fonte: Convite... (2022, s/p)

O evento aconteceu no dia 6 de agosto de 2022 e reuniu mais de 90 pessoas no Lar Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Curitiba, contou com a participação de trabalhadoras do Cefuria e da Rede Mandala e apoiadores do movimento da

Economia Solidária. Quem passou por lá neste dia recebeu um material, impresso no próprio Lar, contando um pouco da história da Rede Fermento na Massa.

Figura 11– Trabalhadoras da Rede no Café Colonial



Fonte: registros de campo (2022, s/p)

Figura 12– Pesquisadoras da UTFPR no Café Colonial da Rede



Fonte: registros de campo (2022)

Foi a partir do texto, desenvolvido pelas próprias trabalhadoras, que propomos um material gráfico, incluindo o mapa que foi resultado do primeiro questionário. Utilizando a própria plataforma do Canva, que algumas delas já demonstravam certa habilidade, para que pudesse ser atualizado por elas, e utilizado como base para outras propostas.

O resultado, mais uma vez, foi apresentado às trabalhadoras na reunião do mês de agosto, na qual foram apontadas atualizações de informações como endereços e inclusão de algumas padarias que não estiveram presentes no primeiro encontro em que aplicamos os questionários. Após as alterações, com a aprovação do comitê gestor, o *flyer* foi impresso e distribuído na 3ª Edição do Cefuria Cultural, evento em comemoração dos 41 anos do Cefuria, que contou com os quitutes produzidos pela Rede.

Figura 13– Frente do flyer de divulgação da Rede



Você conhece a Rede de Padarias Fermento na Massa?

Era uma vez um grupo de mulheres que se organizou para produzir pães e praticar a solidariedade. Isso aconteceu na década de 1990 em Curitiba e assim como faz crescer o pão, o fermento fez crescer a solidariedade praticada nas padarias comunitárias.

Essas padarias, que hoje compõem a Rede Fermento na Massa e a Rede Mandada (Rede Paranaense de Economia Solidária), têm como objetivo gerar trabalho e renda, dignidade, compartilhar produtos, sonhos e saberes, fortalecer a economia solidária e contribuir para a justiça social.

Semanalmente, em cada uma de nossas padarias, produzimos pães, bolos, biscoitos, doces e salgados e vendemos em nossa comunidade. Também atendemos a encomendas para eventos! Venha nos visitar, converse conosco, conheça nosso trabalho e experimente nossos deliciosos produtos.

Tudo o que fazemos esta envolvido em alegria, amor e carinho.

Visite nossas redes sociais e conheça mais sobre o projeto!



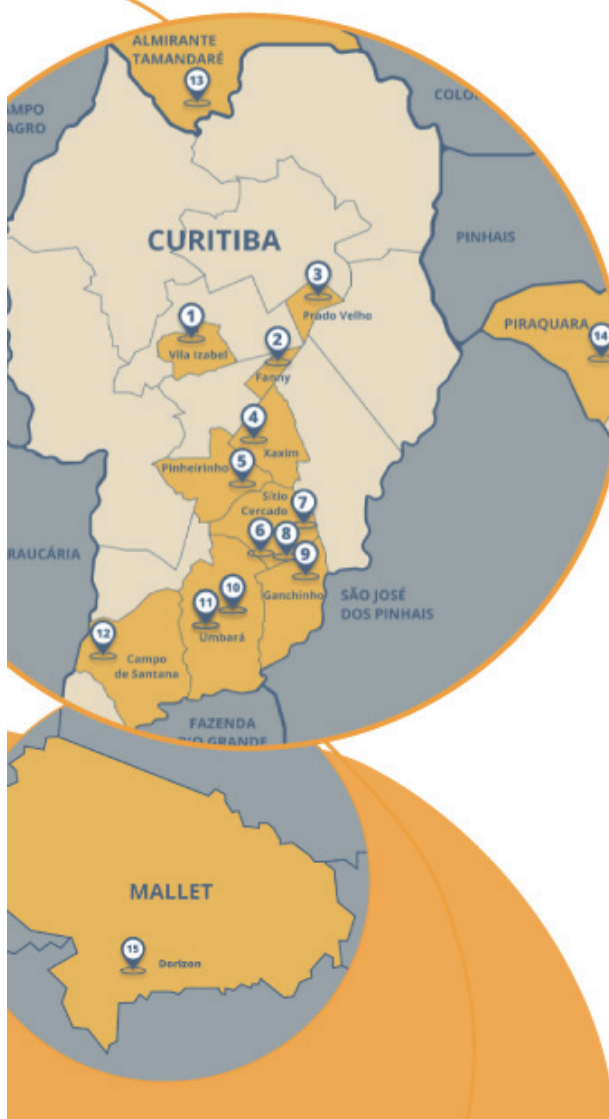




[@padariascomunitarias](https://www.instagram.com/padariascomunitarias)

Figura 14– Verso do flyer de divulgação da Rede

Saiba onde nos encontrar!



Curitiba

- 1** Padaria Nsra do Perpétuo Socorro
R. Prof. Dr. Pedro Ribeiro Macedo da Costa, 819 - Vila Izabel
Contato: 41 99738-6006
- 2** Padaria Pão Nosso
R. Omílio Monteiro Soares, 847 - Fanny
Contato: (51) 99553-3510
- 3** Padaria Santos Dias
Rua Arthur Otto Suckow, 22 - Prado Velho
Contato: (41) 998678670
- 4** Padaria CECOPAM
R. Mahatma Gandhi, 118-216 - Xaxim
Contato: (41) 99914-3865
- 5** Padaria Monte Carmelo
R. Monte das Oliveiras, 260 - Pinheirinho
Contato: (41) 99677-0254
- 6** Padaria São Tiago
R. Nova Aurora, 1340 - Sítio Cercado
Contato: (41) 99109-4250
- 7** Padaria Mãos de Fada
R. São J. dos Pinhais, 2120 - Sítio Cercado
Contato: (41) 99863-9443
- 8** Padaria Nossa Senhora Aparecida
Rua David Tows, 3600 - Sítio Cercado
Contato (41) 99860-7284
- 9** Padaria Q' Delícia
R. Miguel Rossetim, 93 - Ganchinho
Contato: (41) 99749-1280
- 10** Padaria Enfarinhadas
R. Nicola Pellanda, 5000 - Umbará
Contato: (41) 99523-8195
- 11** Padaria Mãos talentosas
R: Romário Gonçalves, 03 - Umbará
Contato: (41) 98745-6169
- 12** Padaria Nova Vida
R. Humberto Bertoldi, 560 - C. de Santana
Contato: (41) 99682-2518

Almirante Tamandaré

- 13** Padaria Pão da Vida
Rua Wladislau Bugalski, 4880 - Lamenha Grande
Contato (41) 99725-0926

Piraquara

- 14** Padaria Amizade
R. Sebastião de Siqueira Cezar, 156 - Guarituba
Contato: (41) 99567-0248

Mallet

- 15** Padaria Mulheres Mão na Massa
Rua XV de Novembro, s/n - Bairro Dorizon
Contato (42) 991037100

Fonte: a autora (2022)

Além deste material impresso, seguimos com a proposta de auxiliar na criação de conteúdo e gestão das redes sociais das padarias. Como haviam demonstrado interesse para trabalhar com a plataforma Canva, criamos alguns modelos de materiais, seguindo a identidade visual do material anterior. Esses modelos, de cardápio, por exemplo, poderiam ser adaptados para cada padaria que desejasse, de acordo com suas necessidades.

Figura 15—Modelo de cardápio

Rede Fermento na Massa

Padaria Comunitária Perpétuo Socorro

CARDÁPIO DA SEMANA

Pão caseiro	R\$ 9,00
Pão integral	R\$ 11,00
Cuca de goiabada	R\$ 15,00
Cuca de doce de leite	R\$ 15,00
Bolo de fubá	R\$ 14,00
Bolo de cenoura	R\$ 14,00
Cueca virada (300g).....	R\$ 8,00
Torta frango (500g).....	R\$ 15,00
Coxinhas para fritar (12 unidades)	R\$ 15,00

ENCOMENDAS ATÉ DE QUINTA FEIRA 24/06 - 11H

RETIRADAS DOS PRODUTOS
Quinta-Feira 25/06
das 16h até as 18h

Irma Mariana
(41) 99986-6729

Rua Prof. Dr. Pedro Ribeiro Macedo da Costa, 819 - Vila Isabel - Curitiba PR
(atrás do Hospital Constantini)

Parceria:

Fonte: a autora (2022)

Durante esse período, também trabalhamos na criação do Instagram da Rede e de alguns modelos de postagens para redes sociais. Além dos materiais apresentados aqui, outros também foram desenvolvidos nesse mesmo formato, mas não chegaram a ser utilizados por outras padarias, não por falta de interesse, mas por

falta de oportunidade de realizar algum treinamento ou oficina que permitisse o acesso das trabalhadoras ao aplicativo de edição.

Figura 16–Modelo de postagem para Instagram



Fonte: a autora (2022)

4.2 “E QUEM É QUE FAZ O PÃO?”: SOBRE AS ENTREVISTAS COM AS TRABALHADORAS

As padarias comunitárias da Rede estão distribuídas por toda Curitiba e Região Metropolitana e, em geral, estão localizadas em bairros da periferia. Para realizar a segunda etapa da pesquisa, definimos como instrumento de coleta de dados, uma entrevista semiestruturada (Apêndice 1) que foi aplicada em cinco

padarias em diferentes regiões e com histórias diferentes para conhecer as trabalhadoras, as suas ações e dificuldades.

Para definir as duas primeiras entrevistas, compartilhamos com os contatos recolhidos no primeiro questionário o convite (Anexo 1) e, conforme obtivemos retorno, agendamos duas entrevistas. A primeira na Padaria Comunitária Monte Carmelo, no bairro Pinheirinho, zona sul de Curitiba, e outra na Padaria Comunitária Pão da Vida, cidade de Almirante Tamandaré, Região Metropolitana, ao norte da capital. Essa escolha foi também uma estratégia para conhecer o trabalho de padarias que estão geograficamente distantes.

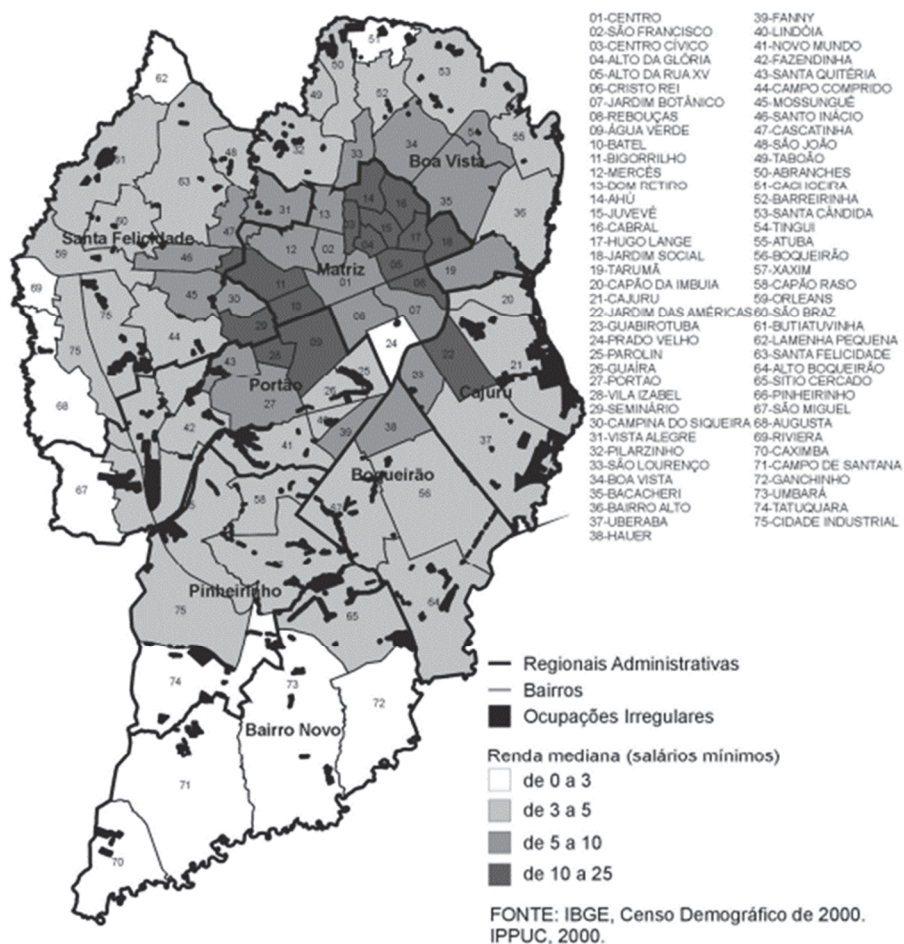
Tabela 2– Padarias entrevistadas

PADARIA COMUNITÁRIA	LOCALIZAÇÃO
Amizade	Piraquara
Cecopam	Xaxim
Monte Carmelo	Pinheirinho
Pão da Vida	Almirante Tamandaré
Perpétuo Socorro	Vila Izabel

Fonte: a autora (2022)

As demais padarias entrevistadas, Cecopam, Perpétuo Socorro e Amizade, foram selecionadas de maneira espontânea, pelo interesse das próprias trabalhadoras em participar da pesquisa.

Figura 17–Mapa das Ocupações Irregulares e da Renda – Curitiba



Fonte: Albuquerque (2007, p. 53)

Dentre as padarias que participaram dessa etapa da pesquisa, apenas a Perpétuo Socorro, localizada no bairro Vila Izabel, não está em uma região periférica de Curitiba. De acordo com Albuquerque (2007, p. 53), o bairro está entre os que têm a maior média salarial na cidade de Curitiba. Em geral, as padarias são formadas por moradoras da região em que ela está inserida. Nesse caso, a instalação da padaria naquele espaço aconteceu por convite da responsável pelo Lar Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e as trabalhadoras que atuam ali não são moradoras do bairro, mas de regiões próximas.

4.2.1 Sobre o perfil das entrevistadas

Das cinco padarias selecionadas para essa etapa da pesquisa, entrevistamos sete trabalhadoras. A princípio, conversaríamos com apenas uma pessoa de cada padaria, por questão de organização de tempo, mas, ao longo das duas primeiras entrevistas, tivemos o enriquecimento da conversa com a presença de mais uma trabalhadora da padaria.

Percebemos que o fluxo da conversa foi positivamente diferente com a chegada da segunda trabalhadora. Dessa forma, optamos por não interromper a entrevista e seguir com as questões que já haviam sido abordadas para que fossem respondidas por ambas.

A partir de uma entrevista semiestruturada, conseguimos alguns relatos muito significativos para a construção desta pesquisa. Ambas as entrevistas foram com trabalhadoras atuantes há mais de dois anos nas padarias comunitárias e acompanharam desde o processo de construção da padaria em que atuam e até o período de pandemia da Covid-19.

A primeira entrevistada, uma das trabalhadoras ativas em processos formativos, contou sobre sua experiência de suporte na construção de outras duas padarias. A partilha do conhecimento para ela é parte importante do trabalho e percebemos como a relação com as outras trabalhadoras também é. Durante essa primeira entrevista, no quintal à frente da padaria comunitária, passava pela rua uma das fundadoras da Rede, ela se aproxima e conta sua experiência também de como ela mesma convidava as vizinhas que já trabalhavam de forma independente com cozinha e panificação, para se juntarem à padaria comunitária.

Os relatos de como o trabalho na padaria comunitária é importante para a autoestima dessas mulheres, abre espaço para se discutir o potencial do trabalho autogestionado para a emancipação social da mulher da periferia.

Na segunda entrevista, também tivemos a oportunidade de conhecer mais de uma trabalhadora, que se juntou à nossa conversa durante a entrevista. Ambas confirmaram o que já havia sido trazido por outra trabalhadora: o trabalho na padaria é muito mais do que uma fonte de renda. Essa questão foi elaborada por elas como um ponto positivo, mas cabe ressaltar que, para elas, o valor recebido pelas horas

dedicadas à padaria não é o único meio de sustento de sua família, visto que parte das trabalhadoras recebem benefícios previdenciários como aposentadoria ou pensão.

Muitas vezes trazida durante a entrevista, a ideia de que a troca de experiências é mais importante que o retorno financeiro também nos permite refletir sobre os limites entre a precarização do trabalho e os potenciais da economia solidária.

Após a transcrição das entrevistas e início das análises, entendemos que não seria interessante ocultar os nomes das trabalhadoras e padarias entrevistadas. Preservar essas informações aqui nesta pesquisa foi uma escolha para reforçar o protagonismo dessas mulheres na história que está sendo escrita e contada por elas durante esses mais de 20 anos.

Sendo assim, entramos em contato com cada uma das participantes para conversar sobre uma possível alteração na proposta que foi aceita por elas antes do início da pesquisa, deixando ciente de que só abriríamos essas informações caso tivéssemos o consentimento de todas e que manteríamos os mesmos critérios do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE), anteriormente assinado por elas, no que diz respeito ao direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e de ter todas as informações referentes a sua entrevista retiradas desta pesquisa.

Tabela 3 – Trabalhadoras entrevistadas

NOME DA TRABALHADORA	PADARIA COMUNITÁRIA
Bia	Monte Carmelo
Dilva	Pão da Vida
Dulce	Pão da Vida
Irene	Monte Carmelo
Rosalba	Cecopam
Simone	Amizade
Denise	Perpétuo Socorro

Fonte: a autora (2023)

Tendo a confirmação de todas as trabalhadoras nesses novos acordos, seguimos com a análise das entrevistas.

4.2.2 Análise das entrevistas

Seguindo a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (1979), definimos as categorias de análise com base nas questões do roteiro de entrevista.

Tabela 4– Categorias de análise

CATEGORIAS DE ANÁLISE
Experiência de trabalho
Atuação na Rede Fermento na Massa
Contato com a Economia Solidária
Durante a pandemia da Covid-19
Expectativas para o futuro

Fonte: a autora (2023)

A respeito da primeira categoria, experiência de trabalho, cabe lembrar que muitas das trabalhadoras que formaram a Rede são mulheres que estavam à margem do mercado formal de trabalho. Em uma época em que os homens eram responsáveis pelo sustento da família e as mulheres eram responsáveis pelos filhos e pela casa, eram as mulheres da periferia que mais acumulavam funções e, muitas vezes, precisavam complementar a renda com trabalhos paralelos.

Das sete trabalhadoras entrevistadas, cinco têm outra fonte de renda além da padaria, como pensão ou aposentadoria, e apenas 2 contam exclusivamente com a renda da padaria. Por mais que tenhamos entrevistado uma pequena amostra de trabalhadoras, em geral, essa é a realidade da Rede. A maior parte das mulheres que atuam ali já são aposentadas e desempenham o trabalho nas padarias muito mais pela valorização do trabalho do que por questões financeiras.

Quando perguntadas sobre a relação com a produção de alimentos, sobre a cozinha em geral, as trabalhadoras relataram que já haviam de alguma forma trabalhado com isso antes de entrar na Rede, seja dentro de sua casa cozinhando

para a família ou até mesmo produzindo alimentos para vender, ou para trabalhos desenvolvidos na igreja.

Uma das trabalhadoras, a Bia, conta que começou a produzir pães para complementar a renda e, no primeiro dia que saiu para vender na rua, encontrou com Irene, que já trabalhava em uma padaria da Rede e ela a convidou para se juntar à padaria comunitária. Entre trabalhar sozinhas em casa ou nas padarias comunitárias, para elas, a opção de partilhar o que sabem, aprender coisas novas e trabalhar juntas era muito mais vantajosa, e não apenas no sentido financeiro.

Com vendas eu já mexia com isso né, mas de trabalhar numa padaria eu só sabia fazer o bolo que eu fazia pras minhas filhas, o pão que eu fazia aqui em casa, agora toda aquela técnica, aqueles cuidados com manipulação de alimentos, aquelas normas de segurança, fui aprendendo tudo através dos cursos pela Rede. (Denise, Perpétuo Socorro, 2023).

Eu já fazia salgadinho em casa também, até pão eu fazia pra vender. Aqui é muito melhor né, até a autoestima da gente melhora. É bom ficar sozinha, a gente se acostuma, mas aqui é bem melhor. Não tem patrão, a gente pode fazer o horário que quiser, isso é muito bom. (Dulce, Pão da Vida, 2022).

Dessa forma, sobre a atuação na Rede, percebemos que a relação do trabalho nas padarias e a autoestima dessas mulheres está entre as motivações para continuar trabalhando.

A gente tem mulheres que trabalham nas padarias comunitárias que estavam em depressão, com a autoestima tão baixa que estavam no fundo do poço, e começaram a trabalhar na padaria comunitária e se reergueram, tem muitas que até saíram pra trabalhar fora em outro lugar sabe. Então assim, o que me encanta no trabalho das padarias comunitárias, e da economia solidária, é o trabalho que existe sobre a autoestima, é a vida. A gente dá mais valor à vida humana, à vida das pessoas, não só a vida das mulheres que trabalham na padaria comunitária, mas a vida das pessoas em volta que fazem parte desse projeto. (Rosalba, Cecopam, 2022).

Trabalhar em um ambiente autogestionado, compartilhando o espaço e o conhecimento com outras mulheres, assim como atuar na economia solidária, de acordo com Rosalba, é muito mais do que um trabalho. Atuar na Economia Solidária é uma forma de esperar, acreditar que um mundo diferente é possível, que as desigualdades podem ser superadas e que há espaço para uma democracia participativa.

[...] olha eu sou suspeita pra falar como é pra mim trabalhar a Rede de padarias, porque a Rede de padarias são as meninas dos meus olhos [...] eu já trabalho dentro do projeto de economia solidária há mais de 20 anos, muito antes de trabalhar dentro na padaria comunitária, já tinha através do Cefuria porque eu sempre fiz parte do Cefuria, então a gente já tinha um trabalho bem legal em economia solidária, eu acredito que um outro mundo é possível, eu acredito numa outra economia, eu sei que a gente ainda tem muito o que lutar pra que isso aconteça, mas assim, faz parte de mim a Rede de padarias comunitárias. A economia solidária acho que ela corre junto com o sangue nas minhas veias, eu amo muito trabalhar com isso, isso é muito bom pra todas as mulheres, faz bem. (Rosalba, Cecopam, 2022).

A formação popular, seja na Rede ou em qualquer ambiente da economia solidária, é um fator importante para a profusão desses princípios que precisam ser partilhados dia a dia. Rosalba nos contou um pouco sobre como eram esses encontros antes do período da pandemia da Covid-19:

[...] então os encontros de formação são feitos pela própria rede de padarias comunitárias, claro que esse ano a gente não fez nada né, mas todo ano a gente faz um curso técnico com as próprias mulheres que estão a mais tempo, eu, a Simone, a gente forma as pessoas, dá um curso técnico, ensina a fazer o pão caseiro, porque a ideia da padaria comunitária é trabalhar só com isso, pão caseiro, as formações básicas de manipulação, de higiene, tudo isso de economia solidária também [...] mas dentro desse conselho gestor a gente sempre tem formação, quando ele é presencial ele é na parte da manhã, aí a gente sempre faz formação, as mulheres escolhem o que elas querem saber, dia da mulher, saúde da mulher, até jovem, adolescente, como criar. Então assim, elas escolhem as formações e a gente faz a formação, nessa terceira segunda-feira primeira parte a gente faz formação depois a gente discute os problemas das padarias comunitárias. (Rosalba, Cecopam, 2022).

Durante os dois anos em que foram suspensas as atividades presenciais da Rede, foram propostas pela TECSOL, pelo Cefuria e pela Rede Mandala atividades de maneira remota. Algumas das trabalhadoras citaram esses cursos como importantes para se manter atualizadas e outras não sabiam explicar muito bem sobre o que tratavam pois não conseguiram aproveitar da mesma forma por ter sido *online*. Quando perguntamos sobre a experiência de participar dessas atividades *online*, a resposta da Bia foi a que mais sintetizou a opinião das trabalhadoras em geral.

Ah eu não gosto. Eu não gosto porque é uma coisa que você não pega, não dá pra aprender direito, nada como você participar, conversar, olhar, olho a olho, sabe, abraçar. Nossa, igual nas nossas reuniões presenciais, nossa a gente faz café, a gente conversa, a gente brinca, é bem gostoso. (Bia, Monte Carmelo, 2021)

Isso reforça como a formação popular nesses ambientes como o da Rede, vão muito além da troca de conhecimentos que acontece em um ambiente formal de educação. Essa formação acontece pela partilha de momentos como o do café trazido pela trabalhadora Bia, com a conversa, o abraço. Segundo Ribeiro (2011), que fez uma pesquisa mais densa sobre a criação de partilha do conhecimento na Rede:

existe uma prática entre o grupo de, ao final de cada reunião do conselho gestor, partilhar alimentos por eles produzidos, funciona como uma confraternização ou um café da tarde, e para tanto cada participante é convidado a levar alimentos produzidos na padaria em que trabalha. Esse momento de confraternização mostra a diversidade de alimentos produzidos e tem uma importância excepcional para a aproximação das pessoas, para o fortalecimento das relações e para o processo de partilha de experiências e conhecimentos. É um momento agradável e esperado por todos, e que possibilita a troca de receitas, de ideias, e de experiências e, ainda por cima, possibilita a degustação desse alimento. (RIBEIRO, 2011 p.128)

Quando perguntadas sobre a economia solidária em si, se tinham algum tipo de envolvimento ou experiência anterior à padaria e até mesmo da importância da ES para elas, percebemos que as respostas das trabalhadoras que atuam apenas na padaria comunitária foram sutis com o “eu gosto muito da economia solidária” ou “a economia solidária é muito importante” isso nos fez refletir que, talvez, os princípios da ES estejam tão ligados ao dia a dia daquelas mulheres que não faça diferença para elas definir o trabalho delas como economia solidária.

Diferente de quem atua em outros setores da ES, como é o exemplo da Rosalba, que mostrou reconhecer a importância de fortalecer o movimento que a Rede faz parte. Não apenas trabalhando, produzindo, como também consumindo de outros empreendimentos:

[...] assim, a gente sempre coloca na cabeça que nós somos “prossumidoras”, então nós produzimos e nós consumimos também economia solidária. Então eu sempre falo pra quem puder e quem gosta disso, puder fazer parte da cesta agroecológica, comprar numa feira de economia solidária, não sei se você sabe, mas tem no Portão toda quarta e sábado uma feira que é só com produtos companheiros de economia solidária, e agora a gente tem um trabalho forte com a Rede Mandala, e a gente tá construindo um mundo diferente, que eu sei que é difícil e que não vai ser de uma hora pra outra, mas com certeza a gente vai chegar lá. Pra mim, trabalhar na padaria comunitária e com economia solidária é tudo... é tudo. (Rosalba, Cecopam, 2022).

Rosalba também nos falou sobre a importância da rede de apoio que se formou ao redor da Rede de padarias, as entidades de apoio e fomento, como são chamadas no movimento da ES. Além da Rede Mandala citada acima, o Cefuria teve, e continua tendo, papel importante para a atuação da Rede e formação das trabalhadoras.

Naquela época em 2000 foi montado 18 padarias comunitárias, depois com ajuda do Cefuria outras empresárias entraram no projeto e a gente chegou a ter 30 padarias comunitárias, só que muitas foram apagando, muitos grupos não deram certo, no momento agora nós estamos com 15. Mas assim o apoio do Cefuria e a formação que o Cefuria deu pras padarias foi fundamental, foi assim que as padarias ficaram em pé, se fortaleceram, então somos 15 só mas temos muitas, umas três ou quatro que vão abrir. Então talvez em 2021 a gente chegue numas 20. Mas a formação e o apoio do Cefuria foram fundamentais. (Rosalba, Cecopam, 2022).

Apesar de ter sido, sim, um momento muito específico e difícil que afetou de maneiras diversas cada uma das trabalhadoras, a pandemia da Covid-19 reforçou uma crise que já estava presente no trabalho da Rede, não há muitas expectativas de sustentabilidade de algumas padarias. As trabalhadoras têm se “aposentado” do trabalho na Rede, ausentando-se por questões de saúde ou por idade, e não têm outras pessoas para seguir com aquele trabalho e manter as padarias ativas.

Três das padarias entrevistadas estão nessa situação. A Padaria Cecopam fechou durante o período da pandemia e, até o fim de 2022, ainda não tinha um grupo formado para assumir o trabalho. As padarias Monte Carmelo e Pão da Vida seguem ativas, mas também sem novas trabalhadoras que se comprometam a continuar atuando.

Apesar de haver interesse de novas pessoas para trabalhar na padaria, muitas não conseguem se comprometer justamente pelos rendimentos que ainda são baixos. Bia nos contou que já passaram pela padaria Monte Carmelo diversas pessoas, algumas até ficam por um período, mas quando aparece uma opção mais rentável, elas deixam a padaria.

[...] eu já falo que a gente não tem salário, eu não pago. Porque tem gente que chega aqui e fala assim “quanto que você vai me pagar?”, aí eu tenho que explicar pra pessoa né, “olha, a gente não paga né, é tudo compartilhado, o que a gente produz e vende é dividido, então não tem salário de vou te

pagar tanto” né. Aí eu explico pra pessoa, porque senão ela não vai entender, aí fica difícil, mas aí eu explico assim: “aqui a gente produz, a gente vende, o que for vendido a gente tira o que a gente gastou e o que sobra a gente divide em partes por igual. Todo mundo vai ganhar por igual” [...] não tem dessa de “sou mais velha então vou ganhar mais”, não, então a gente divide tudo por igual, partes iguais. (Bia, Monte Carmelo, 2022).

Esse período de pandemia também colaborou para que a partilha, como é chamada a distribuição dos valores arrecadados na padaria, fosse ainda mais baixa.

Geralmente são mais mulheres, mas homens também já trabalharam. Já vieram vários piás trabalhar com a gente, mas como eles são novinhos a maioria quer algo mais, né. Porque aqui é mais assim pra gente... Não vou dizer que dá pra viver só com isso. Principalmente agora, que nós perdemos muitos clientes né, nessa pandemia, ficamos mais de um ano fechado, quase dois anos fechados, então a gente perdeu bastante. Porque claro, cliente não vai ficar esperando né. Mas assim, antes disso aí, dava pra viver só disso aqui. (Bia, Monte Carmelo, 2022).

Os baixos rendimentos financeiros são a principal causa para que as trabalhadoras deixem de atuar na Rede, diferente das que contam com uma outra forma de renda, quem ainda não se aposentou, por exemplo, e se dedica exclusivamente ao trabalho na padaria tem poucas perspectivas de continuar trabalhando com a economia solidária. Segundo algumas trabalhadoras, o valor da partilha chega a não ser o suficiente para pagar a passagem de ônibus para se deslocar até a padaria. Todos os custos de produção são partilhados também e o aumento dos preços dos ingredientes, consequência da crise desencadeada pós-pandemia, tem feito com que a partilha final seja ainda menor.

Analisando as respostas sobre o futuro na Economia Solidária, o resultado foi quase unânime: é incerto. Para além do que já foi citado aqui, as incertezas sobre o futuro da Rede também são motivadas pela diminuição da procura. Em um período em que todas as compras podem ser feitas com apenas um clique, a venda boca a boca, para a própria comunidade em que as padarias estão inseridas, tem sido cada vez menor.

A necessidade de aumentar a divulgação on-line é compartilhada por todas as trabalhadoras, mas muitas delas não têm ideia de como fazer isso. Durante nossa conversa com Simone, atualmente presidente da Associação da Rede de Padarias e integrante da Padaria Amizade, pudemos perceber que a Rede tem reconhecido que

é necessário aumentar a presença digital e se preocupa em como trabalhar essa questão, quando a maioria das trabalhadoras tem pouco acesso a tecnologias comunicação, além de um celular e do WhatsApp.

Você deve ter percebido né, cada padaria ela tem a sua... Como que eu posso dizer? Ela é muito diversa né. Então muitas mulheres não têm nem acesso a computador, não sabem mexer né, mas ela tem o celular na mão né, então talvez... a gente pensar em coisas né, na área da comunicação, que elas possam fazer no celular. Porque não adianta computador já foi levado lá, uma pessoa tentou explicar as planilhas né. Ninguém entendeu nada, elas ficaram assim super nervosas, não sabiam nem o que tava sendo falado sabe, a maioria. Então a gente tentar adaptar pra elas o que é do dia a dia delas, mas que possa estar fazendo alguma diferença. (Simone, Amizade, 2023).

Nesse sentido, retomamos a proposta de trabalho que iniciamos no começo da pesquisa, para entender se foi interessante para a Rede e se podemos continuar trabalhando juntas mesmo após o término da pesquisa que originou esta dissertação.

4.2.3 E a partir daqui... como seguimos?

As informações que conseguimos com as entrevistas complementaram o que já tínhamos percebido com as observações de campo. A Rede, neste momento, precisa de ajuda para se reestabelecer, recuperar a força e continuar com seu trabalho. A presente pesquisa também foi motivada a contribuir para a sustentabilidade da Rede, no que diz respeito à comunicação e ao design.

Durante o último semestre de 2022, participamos do curso de extensão Identidade, ofertado pelo Laboratório de Design contra opressões (LADO), do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial (DADIN). Ao longo do curso, além de trabalhar na construção de identidade visual para outra cooperativa, pude acompanhar de perto o desenvolvimento da identidade de uma das padarias da Rede. Um grupo de alunas do curso de Design da UTFPR foi até a padaria Perpétuo Socorro para conhecer o trabalho e criar junto com elas uma identidade que representasse tudo o que aquela padaria é. Minha participação nesse processo foi apenas de mediadora, mas todo o processo contribuiu muito para refletir sobre outras formas de aproximar a universidade do ambiente da ES.

Revisitando leituras sobre design participativo, podemos refletir sobre uma possível aproximação do trabalho desenvolvido com a Rede desta metodologia. De acordo com Canônica *et al.* (2014), uma das vantagens da abordagem participativa no design é a sua:

[...] capacidade de incentivar pessoas a se envolverem no delineamento do futuro a partir das experiências vividas no passado e no presente. Tendo vivência real da situação, os participantes podem contribuir com propriedade, enfatizando os aspectos que lhes são cruciais. Entretanto, como os interesses e vivências são diferenciados para cada pessoa, a todo o momento, converge-se ao debate. (CANÔNICA *et al.*, 2014).

Assim como disse a trabalhadora Simone, precisamos trabalhar juntas para a construção de possibilidades para que todas as trabalhadoras da Rede possam participar dessa fase de mudança, para uma comunicação que aconteça de maneira remota, seja nas redes sociais ou até mesmo pelo próprio *WhatsApp* que é a ferramenta que elas mais têm acesso.

O acesso à ciência e tecnologia demandada pelo fazer design já são instrumentos de manutenção da desigualdade. Portanto, não basta concretizar projetos e realizar mudanças superficiais, requer aprofundamento e transformação político-estrutural. É imprescindível que tanto informação quanto design aproximem-se dos oprimidos e, em uma troca de experiências e sabedoria, provoquem reflexão acerca da realidade em que estão inseridos. (MACHADO *et al.*, 2021, p.1823).

Tomando como referência a pedagogia freiriana para prática de um design participativo (SERPA *et al.*, 2020), podemos refletir sobre como metodologias aplicadas por meio de uma gestão horizontal dos trabalhos também se relaciona com posições mais democráticas que ultrapassam a esfera do trabalho. Diversas propostas de design participativo a nível global são adaptadas considerando o território e suas particularidades culturais e sociais para compreensão dos problemas enfrentados como uma proposta democrática de construção. Serpa *et al.* (2020) também questiona como aplicar uma metodologia democrática em territórios que não têm referências básicas de como funciona uma democracia?

A inexperiência democrática é característica em países colonizados do sul global, como o Brasil (SANTOS, 2020). A bagagem da exploração do trabalho dificulta

a real compreensão de democracia, a forma mais eficiente de se aprender democracia é a vivendo na prática (FREIRE, 2019).

A vivência da democratização das relações na Economia Popular Solidária, além de trabalho, é um exercício educativo para a compreensão de que outras formas de organização são possíveis. Nesse sentido, a prática do design participativo em ambientes onde já há essa premissa de democratização das relações de trabalho tem um potencial imenso.

Se tratando de grupos que já apresentam pouca aderência ao uso de tecnologias digitais, seja por falta de interesse, necessidade ou habilidade (SILVA, 2020) a participação desses indivíduos no processo precisa também ser planejada em conjunto para que não haja mais uma vez a exclusão, nesse caso, pela imposição da inclusão digital.

A proposta da inclusão supõe a geração de conhecimento que seja coerente com os valores e interesses dos excluídos. Conhecimento imprescindível para alavancar processos autossustentados, autônomos e autogeridos de inclusão e capazes de romper o ciclo vicioso da exclusão social. Pela sua própria natureza complexa, ele não pode atualmente ser produzido de modo autônomo pelos excluídos como seria desejável. Ou seja, é um conhecimento que deve ser produzido com a participação da comunidade de pesquisa. Conhecimento que, por isso, só será útil se for uma construção coletiva, envolvendo esses dois atores – movimentos sociais e comunidade de pesquisa [...] (DAGNINO, 2014, p. 297).

Sendo assim, de acordo com Dagnino (2014), é rompendo com o ciclo vicioso da exclusão social e com a geração de conhecimento, a partir da participação democrática de todos, que será possível garantir a sustentabilidade desses empreendimentos. Nesse sentido, pretendemos continuar desenvolvendo o trabalho para e com a Rede e tentar construir junto das trabalhadoras uma forma eficiente de se comunicar com a comunidade, seja de maneira remota ou presencial.

CONSIDERAÇÕES

No início desta pesquisa, propus-me a estudar a relação entre a educação popular e trabalho da Rede, a partir das formações populares e da prática da economia solidária. Ao longo do caminho percorrido, essa relação foi ganhando muito mais amplitude, e a ideia de formação popular também se carregou de novos sentidos. A opção por outras metodologias de pesquisa no meio desse caminho se deu justamente por reconhecer essas mudanças que ocorreram da aproximação com o que até então seria objeto de um estudo de caso.

A relação das trabalhadoras com a Rede, talvez, já não seja a mesma de quando iniciaram suas atividades lá no começo dos anos 2000, mas muitas dessas trabalhadoras carregam as memórias desse período como motivação para continuarem atuando. Conseguimos perceber que a atuação dessas trabalhadoras é guiada pelos princípios da Economia Solidária, mesmo que elas desconheçam os conceitos que estão envolvidos ou que não saibam definir o que seria a ES.

A oralidade que é muito importante durante os momentos de partilha e está sempre carregada de memória, vivência e esperança no movimento, foi um dos motivadores para que, enquanto pesquisadora, não desanimasse de continuar trabalhando nesta pesquisa.

As dificuldades que a Rede vem enfrentando após o período da Covid-19 também são consequências da perda dessa partilha pela oralidade. Desde o surgimento da Rede, as relações sociais aconteciam pelo contato, com a conversa, entre a comunidade. A partir do momento em que tudo começa a funcionar de maneira remota, quando um simples ato de comprar pão pode virar uma atividade on-line, as padarias comunitárias, que tinham como maior fonte de comunicação e divulgação o “boca a boca” sofreram muito diminuição das vendas.

Nesse período, algumas padarias conseguiram se inteirar de novas formas de vendas e divulgação para sobreviver a esse dilema da inclusão digital, mas isso não aconteceu com todas as padarias da Rede. Além da questão geracional, que aumenta as taxas de não uso de tecnologias, o período em que a Rede passou sem ter essa

partilha mensal nas reuniões do conselho gestor também pode ter influenciado no distanciamento entre as padarias.

Sabemos que as padarias trabalham de maneira autônoma e que são formadas por equipes diversas, mas a Rede Fermento na Massa sofreu com esse distanciamento e perdeu também no que entendemos como a identidade da Rede enquanto coletivo.

Outra consequência dessa desarticulação entre padarias e consumidores foi a diminuição das vendas e das partilhas entre as trabalhadoras das padarias. Essa situação coloca as trabalhadoras que dependem da Rede como uma fonte de renda em maior vulnerabilidade. Com os rendimentos baixos, muitas trabalhadoras não conseguem se manter atuando na Rede, mesmo que acreditem muito no potencial social daquele trabalho. Essa situação também reforça a baixa procura por parte de trabalhadoras a atuarem em padarias comunitárias.

Retomando os nossos objetivos específicos, percebemos que, de maneira geral, foram contemplados ao longo da pesquisa alguns com mais ênfase que outros. Realizamos o mapeamento da atuação da Rede no ano de 2022 e a partir dos dados do mapeamento e dos relatos das trabalhadoras foi possível examinar o contexto da Rede que passava por um período de fragilidade após a crise da pandemia, mas com potencial de retomada do trabalho em rede e identificamos os desafios enfrentados nesse processo.

No objetivo que diz respeito a dimensão política social do trabalho das mulheres reconhecemos que seria preciso dedicar mais tempo em uma análise mais detalhada do contexto em que essas trabalhadoras para conseguir contemplar este objetivo. A decisão de atuar de maneira participativa e seguir com o trabalho prático na comunicação da Rede foi um dos fatores que impossibilitou a dedicação a este objetivo em específico, em vez de discutir sobre as dimensões do trabalho atuamos de maneira ativa para propiciar àquelas mulheres algum tipo de auxílio na prática do trabalho nas padarias.

Sobre as práticas de educação popular na experiência de trabalho na Rede, como já citamos anteriormente, o objetivo foi contemplado de uma maneira um pouco diferente do que imaginávamos. Por não termos tido contato com as trabalhadoras

antes do período da pandemia, o que coletamos de informação foi sobre suas memórias.

Durante os dois anos de Covid-19 essa formação, em sua maioria, ocorreu pelos projetos da TECSOL em parceria com o Cefuria e a Rede Mandala, com dois cursos que as trabalhadoras recordam: Comunicação Popular e Cooperativismo na Economia Solidária. Deste último, tive a oportunidade de participar e posso afirmar que a experiência foi enriquecedora pela troca que aconteceu com diferentes trabalhadoras e trabalhadores, empreendimentos e seguimentos de atuação da ES.

Apesar de terem comentado sobre os cursos, foi perceptível que o aproveitamento delas dos cursos que aconteceram de maneira remota não foi tão satisfatório justamente por não ter a possibilidade partilhar presencialmente e desfrutar de todas as experiências que estar no mesmo espaço físico que as colegas.

De todos os desafios encarados pela Rede após a pandemia da Covid-19, a retomada da comunicação, seja presencial *on-line*, é a que parece mais urgente. As propostas que desenvolvemos ao longo desta pesquisa são apenas uma pequena parte de tudo o que pode ser feito para auxiliar a Rede neste momento.

Além do trabalho teórico desenvolvido na pesquisa, tivemos a oportunidade de atuar para auxiliar na prática do trabalho dessas mulheres.

Ter a oportunidade de acompanhar um grupo de estudantes extensionistas, graduandas do curso em que me formei, atuando com uma das padarias e tendo o primeiro contato com a ES já ali no primeiro ano de curso, foi muito importante para repensar a minha atuação enquanto designer e educadora em formação.

As práticas de design ensinadas na universidade, pelo menos até o período em que me graduei, orientavam-se para uma atuação no mercado capitalista, na publicidade ou em grandes empresas. Pouco se tinha de incentivo até mesmo para seguir no campo acadêmico, na pesquisa ou na educação. A formação de profissionais de design precisa ir muito além disso e é reconfortante acompanhar que isso já esteja sendo aplicado, mesmo que de uma maneira muito sutil e ainda para poucas pessoas.

Dessa forma, concluir esta pesquisa de mestrado me proporcionou entrar em contato com um universo completamente diferente do que eu vinha sido orientada a

trabalhar. Reaproximar-me de tudo o que estive na minha base, na minha formação enquanto pessoa, dos movimentos sociais e das pessoas que fizeram parte disso. Poder me descobrir como pesquisadora, reforçando minhas vontades de atuar na área da educação e ver possibilidades de atuação em uma universidade pública gratuita e de qualidade que não sirva apenas aos interesses do capital e que abrace movimentos como o da Economia Solidária.

E nesse esperar, seguimos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. F. de. **A questão habitacional em Curitiba: o enigma da cidade modelo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BOLEIZ JUNIOR, Flávio. *Trabalho e práxis e sua relação com as pedagogias de Célestin Freinet e de Paulo Freire*. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 49-62, mar. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015000100049&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 set. 2021

CANÔNICA, Rosangel *et al.* Relações entre o design participativo e princípios pedagógicos freireanos. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN [= Blucher Design Proceedings*, v. 1, n. 4], 11., São Paulo, 2014. **Anais[...]**. São Paulo: Blucher, 2014.p. 1304-1315.ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/designpro-ped-00402

CARNEIRO COSTA, Jussara. Mulheres e economia solidária: hora de discutir a relação! **Sociedade e Cultura**, vol. 14, núm. 1, Universidade Federal de Goiás: Goiânia, 2011, pp. 19-27. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/703/70320084003.pdf> Acesso em: 12 fev. 2023

CEFURIA. **Multiplicando as sementes**: Rede Padarias Comunitárias Fermento na Massa. Curitiba, 2016.

CEFURIA. **Rede Mandala**: Fortalecendo a economia solidária do campo e da cidade. Curitiba, 2020. Disponível em: <http://www.cefuria.org.br/2018/07/18/rede-mandala-fortalecendo-a-economia-solidaria-do-campo-e-da-cidade/2020>

CEFURIA. **Irmã Araújo vida e obra**. Série “Memórias das Lutas Populares no Paraná Pós-Ditadura Militar”. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

CONVITE a toda comunidade para o Café Colonial da Associação Fermento na Massa. **Cefuria**, [s. l.], 2 ago. 2022. Disponível em: <http://www.cefuria.org.br/2022/08/02/convite-a-toda-comunidade-para-o-cafe-colonial-da-associacao-fermento-na-massa/>. Acesso em: 13 fev. 23

CORONAVÍRUS: Brasil confirma primeiro caso da doença: Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de coronavírus em São Paulo. O homem de 61 anos deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, com histórico de viagem para Itália. **UNASUS**, [s. l.], 27 fev. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20confirmou,pa>

ra%20It%C3%A1lia%20regi%C3%A3o%20da%20Lombardia. Acesso em: 10 fev. 2023.

CRUZ, Tânia Cristina da Silva. **Qual é o teu trabalho, mulher?** Mulheres empreendedoras no contexto da Economia Popular Solidária. Tese (Doutorado em Sociologia) –Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8430/3/2006_TaniaCristinadaSilvaCruz.pdf . Acesso em: 10 fev. 2023.

CURITIBA. Balanço: Curitiba registra primeiro caso provável de coronavírus. **Prefeitura Municipal de Curitiba**, Notícias, Curitiba, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-registra-primeiro-caso-provavel-de-coronavirus/55196>. Acesso em: 9 fev. 2023.

D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos estudos CEBRAP**, [s. /], v. 39, n. 1, p. 19-36, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjqXQ/?lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2023

D'ANDREA, Tiaraju. **40 ideias de periferia**. 1. ed. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

DAGNINO, Renato Peixoto. **Tecnologias sociais**: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas: Unicamp, 2009.

DAGNINO, Renato. Tecnologia Social e Economia Solidária: construindo a ponte. *In*: DAGNINO, Renato. **Tecnologia Social**: contribuições conceituais e metodológicas. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/7hbd/pdf/dagnino-9788578793272-10.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023

FALS BORDA, Orlando. “Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular”. *In*: BRANDÃO, Carlos (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FALS BORDA, Orlando. **Ciencia Propia y Colonialismo Intelectual**. Ciudad de México: Editorial Nuestro Tiempo, 1976.

FALS BORDA, Orlando. **Conocimiento y poder popular: Lecciones con campesinos de Nicaragua, México, Colombia**. Bogotá: Punta de Lanza: Siglo Veintiuno Editores, 1985.

FBES. Documento orientador da VI Plenária Nacional de Economia Solidária. **Economia Solidária: autogestão como estratégia de resistência e alternativa à crise do capitalismo, na luta pela radicalização da democracia**. Brasil, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 62. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

GAIGER, Luiz Inácio. Virtudes do trabalho nos empreendimentos econômicos solidários. **Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo**, [s. l.], n. 13, 2001.

GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária e o valor das relações sociais vinculantes. **Revista Katálisis**, Economia Solidária e autogestão, Florianópolis, Ufsc, v.11,n. 1, 2008. Disponível em: <https://base.socioeco.org/docs/a2.pdf>. Acesso em: 9 fev. 2023.

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GARCIA, Maysa Dias. **Ação Educativa e Movimento Popular: a experiência do Centro de Formação urbano rural Irmã Araújo**. 2001. Tese (Doutorado em Educação)– Programa de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/2506>. Acesso em: 24 jan. 2023.

GUÉRIN, Isabelle. Sociologia econômica e relações de gênero. In: SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. **Coordenadoria Especial da Mulher Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas** - São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.p.71-84. Disponível em: <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Barbara; BELTRAMELLI NETO, Silvio. COVID-19 e mercado de trabalho no Brasil: análise da legislação emergencial brasileira à luz do preceituado pela OIT. **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, Guanambi, v. 8, n. 02, p. e18100, 2022. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/RDFG/article/view/18100>. Acesso em: 20 jan. 2023. DOI: 10.29293/rdfg.v8i02.18100.

HIRATA, Helena. O que mudou e o que permanece no panorama da desigualdade entre homens e mulheres? Divisão sexual do trabalho e relações de gênero numa perspectiva comparativa. In: LEONE. Eugenia Troncoso et al.(org.). **Mundo do trabalho das mulheres: ampliar direitos e promover a igualdade**. São Paulo: Secretaria de Políticas do Trabalho e Autonomia. Econômica das Mulheres / Campinas, SP: Unicamp. IE. Cesis, jun. 2017.p. 143-174

INESC. A conta do desmonte – Balanço do Orçamento Geral da União. **Inesc**, [s./l.] 2022. Disponível em: <https://www.inesc.org.br/acontadodesmonte/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

KULAITIS, Leticia. A trajetória social da Irmã Tereza Araújo: serviço e contemplação. **Revista Nep** (Núcleo de Estudos Paranaenses), Curitiba, v.2, n.3, p. 105-121, jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/nep.v2i3.47253>

FIO CRUZ. Observatório Covid-19: Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. [s. l.] 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em 10 fev. 2023

MACHADO. Giovanna da Silva, Et al. As contribuições de Paulo Freire para o Design da Informação. Anais do 10º Congresso Internacional de Design da Informação CIDI. Curitiba: UFPR, 2021. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/cidiconcic2021/147-355535-CONGIC-Sociedade.pdf> Acesso em: 10 fev. 2023.

OIT. Trabalho em tempos de COVID Relatório do diretor-geral Conferência Internacional do Trabalho, 109.a sessão. Genebra, 2021. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_795276.pdf. Acesso em: 10 fev. 2023

OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 10 fev. 2023.

PELOSO, Ranulfo. Método de Trabalho de Base e Organização Popular. In: Caderno de Formação n. 38: Método de trabalho de base e organização popular. **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**, [s. l.], 2009. Disponível em: <https://mst.org.br/download/caderno-de-formacao-no-38-metodo-de-trabalho-de-base-e-organizacao-popular/>. Acesso em: 10 fev. 2023.

REDE Fermento na Massa prepara novidades para 2022. **Cefuria**, [s. l.], 2021. Disponível em: <http://www.cefuria.org.br/2021/12/02/rede-fermento-na-massa-prepara-novidades-para-2022/>. Acesso em: 10 fev. 2022

RIBEIRO, Lourença Santiago. **Criação e partilha de conhecimento em empreendimentos de economia solidária**: o caso da Associação das padarias comunitárias “Fermento na massa”. 2011. Dissertação (Mestrado em Gestão da Comunicação) – Programa de Pós- Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação UFPR, Curitiba, 2011.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Pandemia Capital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

SANTOS, Aline Mendonça dos; CUNHA, Gabriela. Economia Solidária e Pesquisa em Ciências Sociais: Desafios epistemológicos e metodológicos. In: HESPANHA, Pedro; SANTOS, Aline Mendonça dos. **Economia Solidária**. Questões Teóricas e Epistemológicas. Coimbra: Almedina, 2011.

SERPA, Bibiana *et al.* Contribuições político-pedagógicas para o design participativo de Paulo Freire. *In: CONGRESSO DE DESIGN PARTICIPATIVO 2020-PARTICIPAÇÃO(ÕES) CASO CONTRÁRIO-VOLUME 2*, 16., 2020. **Anais [...]**. [S. l.], 2020. p. 170-174.

SILVA, Guilherme Alves da. **Uma perspectiva crítica para as políticas públicas de inclusão digital no Brasil**: estudo de caso sobre não-usos e não-usuários de internet. 2020. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós graduação em Tecnologia e Sociedade, UTFPR, 2020.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego**: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, Paul. Economia Solidária versus economia capitalista. **Sociedade e Estado**, Brasília, [s. l.], v. 16, p. 1-2, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922001000100005>. Acesso em: 10 fev. 2023

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul. “A Recente ressurreição da economia solidária”. *In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SENAES. Projeto SIES. Atlas Digital da Economia Solidária. **Sies**, Brasília, 2013. Disponível em: <http://sies.ecosol.org.br/atlas>. Acesso em: 10 set. 2021

SORJ, Bila. No Brasil, novas perspectivas. *In: MARUANI, Margaret (org.). Trabalho, logo existo: perspectivas feministas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 103-113.

TIRIBA, Lia. Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. **Perspectiva**, Niterói, v. 26, n. 1, p. 69-94, 2008. <https://doi.org/10.5007/2175-795x.2008v26n1p69>.

TIRIBA, Lia. Economia Popular e produção de uma nova cultura do trabalho. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 27, n. 71, p. 85-98, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a pesquisa “Fermento na Massa: Experiências de Trabalho e Educação Popular na prática da Economia Solidária” que tem o objetivo de propor reflexões sobre as relações entre o trabalho autogestionado e a emancipação social das trabalhadoras, será empregado o método qualitativo de Estudo de Caso.

Nesta pesquisa, o método de coleta de dados será uma entrevista semiestruturada. A entrevista ocorrerá da seguinte maneira: (1) Enviaremos com antecedência o TCLE para leitura prévia da pessoa entrevistada; (2) Após saudações a pesquisadora faz uma breve apresentação do projeto de pesquisa no qual está fazendo parte; (3) A participante pode ler o TCLE novamente no início do encontro e em seguida será assinado, entregando uma via ao participante e ficando uma via com a pesquisadora; (4) Início da entrevista, com gravação do diálogo, não será estabelecido tempo de entrevista, sendo este estabelecido pela narrativa da própria participante; (4) Durante a escuta a pesquisadora realizará anotações que achar relevante para a pesquisa. (5) Ao percorrer todas as questões suscitadas e a partir da decisão do(a) participante, completa-se a entrevista e o gravador será desligado.

Este roteiro deverá servir como ponto de apoio para a entrevista, com perguntas centrais e algumas desencadeadoras, a fim de incentivar o desenvolvimento da narrativa das entrevistadas sobre a sua vivência na Economia Solidária e atuação na Rede de Padarias e Cozinhas Comunitárias Fermento na Massa.

Desta forma, será resguardada aos participantes a possibilidade de ampliação dos temas propostos, de acordo com o que for mais significativo em seus pontos de vista, caso o participante já tenha respondido em falas anteriores algumas destas perguntas o participante poderá sinalizar ou a pesquisadora poderá notar e de comum acordo partirem para as próximas questões.

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Seção 1 - Informações básicas da pessoa entrevistada

1. Há quanto tempo trabalha na padaria?
2. Teve outras experiências de trabalho antes daqui?
3. O que te motivou a trabalhar em uma padaria comunitária?

Seção 2 - Contato com a Economia Solidária

1. Como foi seu primeiro contato com a Economia Solidária?
2. Já participou de projetos de Formação Popular do CEFURIA?
3. Como é atuar em um ambiente de trabalho autogestionado?
4. Já teve experiências em outros empreendimentos de Economia Solidária, Cooperativas ou com trabalho autogestionado?

Seção 3 - Atuação na Rede Fermento na Massa

1. Qual trabalho você desenvolve na padaria comunitária? Como aprendeu?
2. Qual é sua rotina de trabalho na padaria?
3. Você já participou de formações técnicas ou sociais durante o seu período de atuação na Rede?

Seção 4 - Interação entre trabalhadoras

1. No dia a dia, como é a sua relação com as outras trabalhadoras?
2. Como é trabalhar em um ambiente autogestionado e compartilhado por mulheres?

Seção 5 - Trabalho e Interações na pandemia

1. Quais foram as maiores dificuldades durante o período de maior restrição na pandemia?
2. Como foi a experiência de contato com o coletivo?

Seção 6 - Reconhecimento e Futuro da Economia Solidária.

1. Qual a importância do trabalho na Economia Solidária em sua vida?
2. Você se vê atuando na Economia Solidária nos próximos anos?
3. O que você espera da Economia Solidária no futuro?

APENDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: Fermento na Massa: Experiências de Trabalho e Formação Popular na prática da Economia Solidária

Pesquisador(es/as) ou outro (a) profissional responsável pela pesquisa, com Endereços e Telefones:

1. Wanderley José Deina. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (2012). Pós-doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade - PPGTE, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Telefone: (41) 00000-0000 E-mail: wdeina@utfpr.edu.br

2. Helen Vanessa Melezinski. Mestranda do Programa de Pós-graduação de Tecnologia e Sociedade (PPGTE), Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Telefone: (41) 00000-0000. E-mail: melezinski@alunos.utfpr.edu.br

Local de realização da pesquisa:

A pesquisa será realizada em um espaço físico reservado nas dependências da Padaria em que a pessoa pesquisada trabalha. Salvo necessidade de isolamento social devido ao agravamento de contaminação da COVID-19, passando a ser de forma virtual em local seguro definido pelo participante da pesquisa, como meio virtual compreende-se: sites eletrônicos, telefone ou outros programas e aplicativos que utilizam esses meios.

Endereço: R. Mahatma Gandhi, 118-216 - Xaxim, Curitiba - PR, 81810-130
Telefone: (41) 0000-0000

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

1. Apresentação da pesquisa

A pesquisa que você está sendo convidada a participar compõe o estudo desenvolvido no mestrado da pesquisadora referida, o qual abordará as experiências de trabalho e educação popular das trabalhadoras da Rede Fermento na Massa, buscando compreender a dimensão político-social desta experiência focada na atuação das mulheres nas padarias comunitárias.

Como esta pesquisa visa registrar a história e apresentar as experiências construídas pelas mãos de pessoas trabalhadoras da Rede Fermento na Massa, identificamos as entrevistadas com seus nomes iniciais.

A relevância desse estudo está associada ao reconhecimento do processo pedagógico presente na vivência dos movimentos de organizações populares de Economia Solidária, bem como o papel da educação popular nesse processo, desenvolvendo estratégias para potencializar a emancipação social das trabalhadoras com o engajamento cotidiano na prática da Economia Popular Solidária.

Espera-se que as considerações possam contribuir para a discussão sobre a dimensão política e social do trabalho de formação da Rede Fermento na Massa e outros empreendimentos de Economia Solidária.

2. Objetivos da pesquisa

O objetivo deste estudo é investigar as relações entre a educação popular na prática da economia solidária e a experiência de trabalho na Rede Fermento na Massa.

Para isso pretendemos examinar o contexto atual da Rede Fermento na Massa, mapear a atuação da Rede no contexto de pandemia da Covid-19; Identificar as práticas de educação popular na experiência de trabalho nas padarias, e identificar os desafios enfrentados pela Rede após este período.

3. Participação na pesquisa.

As etapas da sua participação serão:

1. O local de encontro será nas dependências da padaria em que trabalha.
2. A pesquisadora lerá para você o termo de consentimento livre e esclarecido, enviado previamente em um link por e-mail, o documento estará assinado pela pesquisadora, explicando os tópicos e esclarecendo os pontos de dúvidas.
3. Caso concorde com os termos você irá preencher seus dados, ficando uma cópia para você e uma para a pesquisadora.

4. Após o aceite, a pesquisadora vai pedir autorização para gravar o áudio da entrevista, após consentimento o gravador será ligado para registro da coleta de dados.
5. Faremos aproximadamente 20 perguntas abertas, divididas em 6 seções: Informações básicas da pessoa entrevistada, Contato com a Economia Solidária, Atuação na Rede Fermento na Massa, Trabalho e Interações durante a pandemia Covid-19, Reconhecimento e Futuro da Economia Solidária.
6. Durante a escuta a pesquisadora realizará as anotações que achar relevante para a pesquisa, estes dados estão disponíveis para sua consulta e aprovação de utilização durante todo processo de coleta de dados. Ressalta-se também que você pode optar por não mais participar da pesquisa a qualquer momento, sem penalizações, seus dados serão excluídos e nenhum dado será utilizado na pesquisa.
7. No fim do diálogo o gravador será desligado.
8. A entrevista será realizada em encontro único, utilizando o tempo necessário para a escuta, respeitando sua disponibilidade.
9. A entrevista será gravada pelo celular da pesquisadora e posteriormente transcrita na íntegra para submissão de análise do conteúdo.
10. Após a análise dos dados será realizada a discussão teórica com a elaboração da dissertação, a qual será apresentada na qualificação, com os dados parciais, e na defesa final quando estiver finalizado. Além disso, os resultados serão divulgados em eventos científicos, revistas, relatórios, entre outros espaços que permitam a discussão da temática.

4. Confidencialidade.

Como garantia da confidencialidade das informações e medidas de proteção ou minimização de qualquer risco serão tomadas as seguintes medidas:

- I. As entrevistas serão gravadas no celular da pesquisadora, sendo salvas em *pendrive* e apagadas do aparelho.
- II. As transcrições serão salvas em *pendrive*, com acesso restrito às pesquisadoras, conservadas pelo tempo previsto pelo Comitê de Ética (cinco anos) e posteriormente excluídas.

III. O local escolhido permitirá privacidade e preservação de sua participação.

IV. Usaremos na transcrição o nome inicial da pessoa pesquisada, apenas se ela assinar este TCLE, caso a pessoa entrevistada não estiver de acordo em publicar o seu nome, adotaremos um código para mencioná-la.

5. Riscos e Benefícios.

Toda pesquisa apresenta riscos e benefícios, visto isso apresentaremos aqui possíveis riscos e contrapartidas para amenizá-los ou compensá-los; assim como os benefícios da participação.

5. 1. Riscos: Como risco tem-se o possível desconforto ao tratar de um momento atípico como uma pandemia e sua atuação como profissional, além de possível angústia gerada por conteúdos relatados. Para amenizar tal risco não insistiremos que você retorne a assuntos que sinalize não querer partilhar. Não será imposto tempo de fala, sendo aberto o espaço para elaboração e pausas durante a entrevista caso haja necessidade. O lugar escolhido será confortável e que possibilite que você se expresse durante a entrevista.

5.2. Benefícios: Como benefício compreende-se que a entrevista que busca ouvir sua experiência e opinião como trabalhadora do ambiente da economia solidária permite que você como participante da pesquisa possa aproveitar deste momento para produzir novas reflexões sobre a trajetória, ressignificando experiências e gerando novas observações sobre lembranças.

6. Critérios de inclusão e exclusão.

6.1. Inclusão: Mulheres trabalhadoras de Padaria Comunitária vinculada a Rede Paranaense de Padarias Comunitárias Fermento na Massa.

6.2. Exclusão: Participantes que relatam não ter disponibilidade de horários; participantes que atuam há menos de 3 meses na Rede; participantes que tenham menos de 18 anos.

7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Você como participante tem os direitos de: deixar o estudo a qualquer momento; de receber esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa; liberdade de recusar ou retirar o seu consentimento a qualquer momento sem penalização; caso retire seu consentimento seus dados serão excluídos, e nenhum dado será utilizado na pesquisa.

Você também tem direito de ter acesso ao resultado da pesquisa e à dissertação produzida. Informe abaixo se é de seu interesse receber a dissertação com os resultados da pesquisa posteriormente via e-mail:

☐ não quero receber os resultados da pesquisa

☐ quero receber os resultados da pesquisa

(e-mail para envio: _____)

8. Ressarcimento e indenização.

Tal pesquisa não possui contrapartida financeira de participação, sendo sua participação totalmente voluntária, sem ajudas de custos. Entretanto, caso a pesquisa gere comprovadamente danos psíquicos, físicos e materiais, a participante tem direito a indenização de responsabilidade do pesquisador de acordo com os termos da lei e da Resolução 466/12 e 510/16.

ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de

pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). **Endereço:** Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Bairro Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** (41) 3310-4494, **e-mail:** coep@utfpr.edu.br.

B) CONSENTIMENTO

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo, permitindo que as pesquisadoras relacionadas neste documento obtenham **gravação de voz** de minha pessoa para fins de pesquisa científica. As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos, podendo identificar meu nome inicial.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome:		
RG:	Data de Nascimento:	Telefone: ()
Endereço:		
CEP:	Cidade:	Estado:

Data: ____/____/____

Assinatura da Participante

Data: ____/____/____

Assinatura da Pesquisadora

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, a qualquer momento poderão se comunicar com a pesquisadora Helen Vanessa Melezinski, via **E-mail** ou **Telefone**

ANEXOS

ANEXO 1 CONVITE PARA A PESQUISA

**convite para participar de
pesquisa de mestrado sobre a
atuação de mulheres
na economia solidária**

Olá, eu sou a Helen :)

Estou trabalhando em uma pesquisa chamada "Fermento na Massa: Experiências de Trabalho e Educação Popular na prática da Economia Solidária" e preciso da sua ajuda para que ela possa acontecer!

Se você é mulher, trabalhadora da Rede Fermento na massa, e gostaria de participar de uma entrevista sobre a sua experiência em uma Padaria Comunitária responda essa mensagem que conversamos sobre a proposta.

Obrigada!

E se quiser entrar em contato comigo estou disponível nos contatos abaixo :)

Whatsapp: (41) 9 9999-9999

Email: melezinski@alunos.utfpr.edu.br